

Domini

Consumo de enterpantes

1977 a 1982



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ofício nº 168/82/DSI/MS

Em , 21 de julho de 1 982

Do Diretor da Divisão de Segurança e Informações do MS

Endereço Esplanada dos Ministérios - Bloco 11 - 9º andar - Sala 930 -
Brasília - DF

Ao Ilmo. Sr. Secretário Nacional de Vigilância Sanitária

Assunto Solicitação (faz)

Solicito de V. Sa. a especial colaboração no sentido de informar o resultado do Inquérito Administrativo, instaurado para apurar irregularidades, praticadas na aprovação do produto " CHEIRO DE CARNAVAL " envolvendo o Diretor da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Cosméticos, Dr. NEY DUTRA DOS SANTOS; o Chefe do Registro e Cadastro da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária e Cosméticos, Dra. VERA LÚCIA COSTA; o Chefe do Serviço de Dermatologia Cosmética, Dr. CLÁUDIO TEIXEIRA DA COSTA.

Respeitosamente.

ARÍDIO FERNANDES MARTINS JÚNIOR
Diretor da DSI/MS*Arquivar no Dossiê T-10*

0719.1627

+

611349MNSA BR

2121184MNSA BR

TELEX NR 0126/GM - RIO DE JANEIRO - 19/07/82

DR ANTONIO CARLOS ZANINI

SECRETARIO DA SNVS

BRASILIA - DF

=====

CONFORME DETERMINADO VOSSORIA, REUNIAO DIRETORIA, COMUNICOLHE
ENVEI BRASILIA PROCESSOS 20/7585/82 ET 20/110/82, POR ORDEM
DR MASSON, A SEREM MOSTRADOS SENHOR MINISTRO SAUDE =====

DR LUIZ GONÇALVES PAULO

DIRETOR DIMED

T/POR: RUTE LIMA - AAS 16:30HRS

REC.POR:RRR#

611349MNSA BR

2121184MNSA BRM

*Exatidão do resultado
do Inq. Del. do
caso Ney Duarte etc.
Heitor Coimbra*





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OFÍCIO Nº 325/81/DSI/MS

Em, 10 de setembro de 1981

Do DIRETOR DA DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

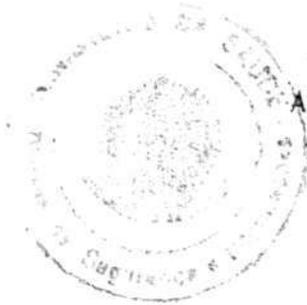
Ao ILMO SR. SECRETÁRIO NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA DO MS

Assunto : O AZEITE TÓXICO

SENHOR SECRETÁRIO,

Esta Divisão encaminha, para conhecimento, a cópia do artigo publicado no "JORNAL DA TARDE" de 01.09.81, sob o título: "O AZEITE TÓXICO, UMA AMEÇA AFASTADA NO BRASIL?"

Na oportunidade, renovamos a V. S^a os votos de elevada apreço e distinta consideração.



ARÍDIO FERNANDES MARTINS JÚNIOR
DIRETOR DA DSI/MS

Densid. T-10

TODA PESSOA QUE TOME GOVERNAMENTO
É DE LÍQUIDAR E É RESPONSÁVEL
Pela manutenção de seu sigilo.
Art. (12 Dec. n.º 79.099-77).

CONFIDENCIAL

**O azeite tóxico,
uma ameaça
afastada no Brasil?**

O Brasil, assim como os demais países compradores de azeite de oliva espanhol, dificilmente será afetado pela chamada pneumonia atípica ou tóxica, provocada pelo consumo do produto. Os responsáveis pelo comércio exterior da Espanha garantem que o perigo está apenas nas marcas de azeite de qualidade inferior, que não são exportadas.

— Além da histórica relação de confiança existente neste comércio, nossa clientela brasileira e de outros países já sabe que o escândalo está praticamente circunscrito a certas marcas de azeite de colza, vendidas como se fossem de oliva, mais baratas — disseram os representantes da Carbonell e G. Sensat.

Na Espanha, há controvérsias a respeito das vítimas do azeite. O Ministério da Saúde deu como oito o número de mortos, mas o Partido Socialista Obreiro Espanhol, que está cobrando números exatos, afirma que poderiam ser 120 pessoas mortas até a semana passada, além das centenas de hospitalizadas. E nem os médicos sabem como tratar da intoxicação.

— Seria melhor deixar de lado a esotérica denominação de pneumonia atípica e se chamasse pura e simplesmente de envenenamento, que arrebenta com o organismo inteiro, como todo mundo sabe — disse o especialista Albert Alai.

As autoridades sanitárias já apreenderam mais de um milhão de litros de azeite e proibiram a comercialização de várias marcas. Várias empresas simplesmente misturaram azeite comestível de categoria inferior com óleo industrial de alto teor tóxico.

*acompanhar
afetar a
vigilância
sanitária*

*Este assunto foi
for perseguido
-do pulc. JSI*

*Produzindo
documentos?*

01/09/81

Dossier

OK.
FBI

TOXICOLOGY AND INFORMATION
Introducing a new system in Brazil

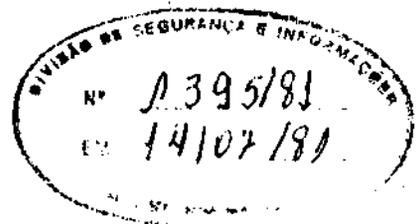
Alberto Furtado Rahde

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
Fundação Oswaldo Cruz - Ministério da Saúde - Brasil

1981
1981
1981
1981

World Federation of Associations of Clinical Toxicology
Centers and Poison Control Centers - WHO - Geneva -
May, 18-19, 1981

FAD



TOXICOLOGY AND INFORMATION

Introducing a new system in Brazil

Alberto Furtado Rahde

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas

Fundação Oswaldo Cruz - Ministério da Saúde - Brasil

JUSTIFICATION

Brazilian Ministry of Health took the initiative to begin a project in public administration, concerning information and documentation in the areas of Toxicology and Pharmacology.

The priority list of projects included the institution, at February 1980, of a nationwide system for the purpose of giving drug and poison informations to Public Health decision makers, Health Technicians and General Population.

The following considerations were appreciated as the main ones:

1. actual lack of adequate information and epidemiological data of toxic phenomena and adverse reactions to drugs;

2. the overwhelming problem of pesticides in agriculture;

3. the need of providing toxicological analyses to confirm diagnosis;

4. the lack of clinical toxicologists in the areas of Public Health, as a result of the non-existence of appropriate teaching of Clinical Toxicology in Brazil's Medical Schools and

5. the need of collect specific informations concerning national reality, in the areas of Health, Agriculture, Education, Occupational Diseases, Drug Addiction and adequate use of pesticides and chemicals.

The aim is the development of regional poison control centers and the support of existing centers, to provide comprehensive toxicological and pharmacological informations.

A nationwide network of regional centers will be built according to definitive standards for poison control centers.

OBJECTIVES

1. General

Develop and implement a federal program for collecting and disseminating information to health professionals and general public in the fields of Toxicology and Pharmacology.

2. Specific

2.1. Provide the implantation of regional poison control centers.

2.2. Develop an existing center to perform as a focal point providing information among poison control centers.

2.3. Collect epidemiological poisoning and drug adverse reactions data.

2.4. Develop a system of communication with up-to-date information to poison control centers.

2.5. Stimulate and support experimental and clinical research in the fields of toxicology and poisoning prevention.

2.6. Emphasize the need of introducing the discipline of Clinical Toxicology in medical schools.

2.7. Identify the existing institutions in the fields of Toxicology and Pharmacology, determining assistance and prevention programs.

2.8. Develop a continuing program of education for health professionals and general public to improve poisoning prevention and treatment.

2.9. Exchange technical and scientific data and work together with national and international information programs.

2.10. Supply epidemiological data to health regulatory authorities.

METHODS

Basically the methodology consists in collect, analyse, process, store and disseminate information, periodically and systematically, through action media as:

1. Collect and cadaster services (chemicals, products, poisoning reports, epidemiological data, adverse reactions to drugs).

2. Analysis, processing and storage of documents (technical staff, files, computer system and storage).

3. Information collect and dissemination (telephone, teletype, post-office, radio, telegraph, on-line computer).

4. Educational campaigns and divulgation (press, radio, TV, bulletins, emergency manuals, special courses, training programs to health students, professionals and general population).

WORK PROGRAM

The program was initiated june 1980 and is coordinated and administered by Fundação Oswaldo Cruz, an institution under Ministry of Health. The steps of the program are (not in a chronological order):

1. Modernization of Poison Control Center of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, in order to become a focal point of collecting and disseminating information (adequacy of physical area, equipment, staff, proceedings).

2. Introduction of files data on computer system (systematize, review and increase pharmacological and toxicological data).

3. Expansion on efficient ability on information (select, engage and train technical staff, increase the production of documents).

4. Dissemination of information to system users (through telephone, telephone lines in emergency rooms, teletype, computer, printed matter).

5. Implantation of Regional Poison Control Centers (assist existing Centers, establish new Centers in critical geographical areas).

6. Gathering epidemiological data on poisoning and adverse drug reactions (collect information on poisoning cases, develop monitoring of adverse drug reactions).

7. Community and technical education program development (poisoning prevention educative campaigns to general public and health professionals).



RESERVADO

ABS-05, p. 11/91



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DE Nº 375/80/DSI/MS

Em, 09 de outubro de 1980

Do Diretor da Divisão de Segurança e Informações do MS

Ao Ilmo. Sr. Coordenador de Comunicação Social do MS

Assunto " MACONHA CURA "

ANEXO: cópia do recorte da Revista VEJA - Nº 631 - 08/10/80.

Senhor Coordenador

Esta Divisão encaminha, para conhecimento, xerocópia do recorte da Revista VEJA - Nº 631 - 08/10/80, em anexo.

Nesta oportunidade, apresento a V. Sa. os votos de elevado apreço e distinta consideração.



ARIDIO FERNANDES MARTINS JÚNIOR
Diretor da DSI/MS

Of. nº 376/80, 777 CNS/MS
Proc. nº 143/80, 777 MS

F 10

RESERVADO

RESERVADO

ABS-05, p. 12/91



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DE Nº 376/80/DSI/MS

Em, 09 de outubro de 1980

Do Diretor da Divisão de Segurança e Informações do MS

Ao Ilmo. Sr. Secretário Executivo do Conselho Nacional de Saúde

Assunto " MACONHA CURA "

ANEXO: cópia do recorte da Revista VEJA - Nº 631 - 08/10/80

Senhor Secretário

Esta Divisão encaminha, para conhecimento, xerocópia do recorte da Revista VEJA - Nº 631 - 08/10/80, em anexo.

Nesta oportunidade, apresento a V. Sa. os votos de elevado apreço e distinta consideração.



ARÍDIO FERNANDES MARTINS JÚNIOR
Diretor da DSI/MS

Enca. nº 143/80, 7/1 MS

Cf. nº 375/80, 7/1 CCS/MS

T-10

RESERVADO

Revista Veja - nº 631
8-10-80

Maconha cura

De droga clandestina a remédio oficial

Para os médicos, a maconha está deixando de ser simplesmente um tóxico para tornar-se um remédio, como já foi usada há séculos por árabes e indianos. Recentemente, uma equipe da Escola Paulista de Medicina e da Santa Casa de São Paulo, em colaboração com a Universidade de Jerusalém, descobriu que a maconha pode ser usada no tratamento da insônia e da epilepsia, segundo o trabalho a ser publicado ainda este ano pela revista especializada alemã *Pharmacology*. E no mês passado o Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos decidiu distribuir pílulas de maconha para combater as náuseas e os vômitos que a quimioterapia desencadeia em pacientes cancerosos.

Os efeitos antiinsônia e antiepilépsia, de um lado, e antináusea e antivômitos, de outro, baseiam-se em diferentes princípios ativos da maconha. Já se descobriram mais de trinta princípios ativos nessa planta, dos quais apenas quatro foram estudados com alguma profundidade: dois do tipo tetrahydrocannabinol, o canabinol e o canabidiol. Desses quatro, apenas o canabidiol não tem efeitos alucinogênicos — e exatamente por isso foi escolhido pela equipe paulista para ser estudado como medicamento. Essa pesquisa, segundo um de seus coordenadores, Elisaldo Carlini, professor-titular de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, partiu do fato de que há mais de 500 anos escritos médicos árabes e, há cerca de 150 anos, médicos militares ingleses na Índia falaram do uso popular da maconha contra epilepsia.

Carlini, que trabalha com maconha há dezesseis anos, se pergunta se a droga, de clandestina, não está passando a medicamento convencional, pois há tempo já era conhecida sua ação benéfica contra as dores do glaucoma. A pílula americana contra o vômito dos cancerosos contém tetrahydrocannabinol e se estima que vá ajudar 50 000 doentes por ano.

Ainda não se estimou o preço de venda, mas o custo equivale a 90 cruzeiros por pílula. Já estando autorizada a produção industrial, a pílula de maconha deverá estar à venda nos Estados Unidos ainda este ano. ●



No te dejes explotar por los traficantes ¡denúncialos! no permitas que con tu esfuerzo se enriquezcan los traficantes recházalos ¡SUSTITUYE LA COCA!

Com cartazes de propaganda, o governo do Peru tenta passar a outros países o título de campeão mundial na produção de folhas de coca



Toda a cocaína distribuída a milhões de consumidores espalhados pelo mundo sai das folhas de coca que só florescem no solo latino-americano

FOTOS MARCOS SA CORTELA

Especial

A frente ampla do pó

Militares da Bolívia, comunistas do Peru, empresários da Colômbia e índios do Brasil se unem a policiais no bilionário comércio da cocaína

A integração econômica da América Latina está começando por onde jamais se imaginou que pudesse começar — pelo comércio ilegal da cocaína. Esse tráfico, florescente desde que a droga entrou na moda internacional nos anos 70 e criou, só nos Estados Unidos, um mercado cativo de 6,5 milhões de consumidores, é hoje em dia a única atividade no continente onde estão associados, com os mesmos interesses, os militares da Bolívia, os comunistas de Cuzco, no Peru, empresários da Colômbia, índios brasileiros do alto rio Negro, no Amazonas, e uma multinacional de policiais corruptos, políticos nacionalistas e tecnocratas de governos democráticos e ditaduras.

Toda esse comunidade, tão eclética, participa em certa medida da prosperidade atual da cocaína, ou a defende. Nela, o caso mais notório é o do novo regime militar boliviano — há dois meses,

quando o general García Meza tomou o poder num golpe de Estado, o governo americano denunciou que a quartelada brotara de uma conspiração entre generais de La Paz e traficantes de Santa Cruz de la Sierra. Isso não quer dizer que a droga tomou conta da Bolívia da noite para o dia. Muito antes de controlar a política, ela controlara a economia nacional — e sua evidência, agora, é apenas fruto da aberta ascensão de traficantes a postos-chave no poder. A pauta de exportações bolivianas soma cerca de 800 milhões de dólares. O tráfico de cocaína, este ano, movimentará mais de 1 bilhão de dólares.

A coca — o arbusto de cujas folhas se extrai a cocaína — é plantada legalmente na Bolívia por mais de 13 000 agricultores espalhados pelas províncias de Chapare e Los Yungas. Oficialmente, eles estão suprindo um mercado tradicional de *acullicadores* — os mastigado-

res de folhas de coca que são, aproximadamente, dois terços da população boliviana. A planta, um produto de consumo secular pela população da Bolívia, serve ao mesmo tempo como sedativo, complemento vitamínico, moderador do apetite, estimulante e antídoto para os efeitos da altitude nos Andes. Em nome desse costume, o governo sempre resistiu a pressões internacionais para erradicar a coca.

Com esse pretexto, são produzidas na Bolívia 25 000 toneladas de folhas por ano — mas o *acullicador* mastiga apenas um total de 6 000. O resto é transformado em pasta de cocaína e em cocaína pura, pelos laboratórios nominalmente clandestinos, e encaminhado por traficantes para o bilionário mercado mundial de entorpecentes. Esse entroncamento é a cidade de Santa Cruz de la Sierra, berço do golpe de García Meza (veja a página 72), um oásis de cresci-

mento econômico num país com a economia praticamente estagnada desde que nasceu.

NOVA GERAÇÃO — Santa Cruz é um prodígio. Lá, a cotação do dólar é mais baixa que na capital, La Paz, porque jorra fácil dos bolsos dos traficantes. Em seu aeroporto, funcionam nada menos que 25 empresas de táxi aéreo, hoje em dia uma ferramenta de trabalho quase indispensável neste comércio — e seus 150 aviões de pequeno porte estão de prontidão para o contrabando de droga para a Colômbia e os Estados Unidos. Há aparelhos de TV em cores no comércio, embora o único canal de televisão boliviano só transmita em preto e branco. E a cidade tem, no catálogo telefônico, sobrenomes ilustres, como o da família Gasser — de origem suíça, que levou para Santa Cruz as primeiras refinarias de açúcar no começo do século e, em 1971, o general Hugo Banzer ao palácio do governo em La Paz.

A nova geração dos Gasser parece estar incluindo outro ramo em suas atividades de refino — além de açúcar, coca. Em maio, Roberto Gasser Terazza, herdeiro do clã e presidente da Câmara de Indústria e Comércio local, foi preso em Miami, a meca da conexão latino-americana de drogas nos Estados Unidos, com 300 quilos de cocaína na bagagem.

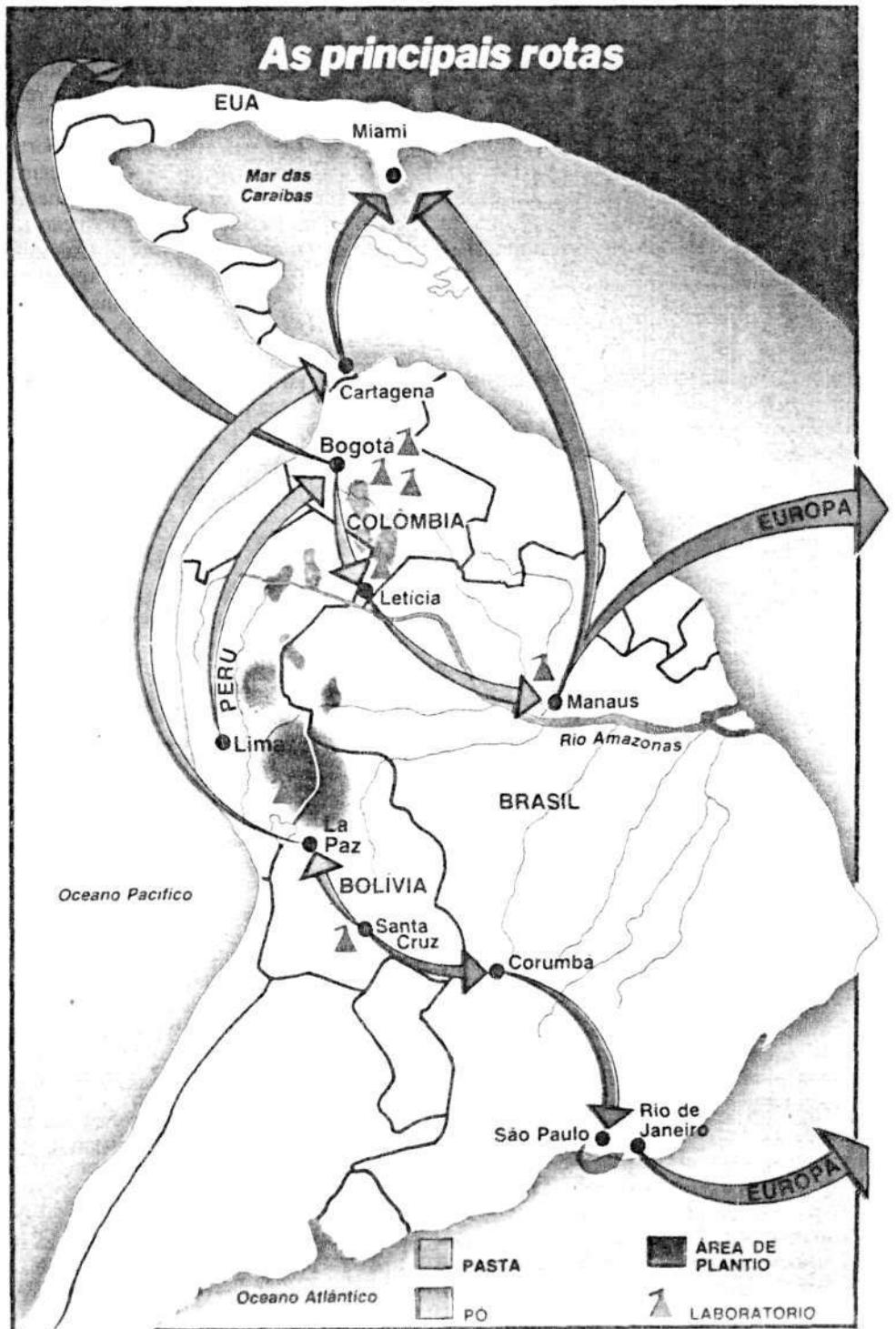
Em 24 horas, a família pagou a fiança — 1 milhão de dólares, em dinheiro e à vista — e Roberto escapou de volta a Santa Cruz. Por coincidência, éter e acetona, agentes da fabricação do açúcar, entram na química da cocaína. Mas trabalhar diretamente com o pó, para muitos latino-americanos, não chega a interessar na maior parte do tempo. O principal produto, no continente, ainda é a pasta de cocaína — preferida pelo traficante por ser menos suscetível de deteriorar nas condições precárias do transporte clandestino.

E transporta-se cocaína cada vez mais, hoje em dia, nas rotas mestras da América Latina — só para os Estados Unidos estão indo 25 toneladas por ano. Desde julho, decolam de Santa Cruz quinze aviões por semana levando pasta para Bogotá. Cada um leva cerca de 500 quilos. "Existem, só no Departamento de Santa Cruz, 600 pistas ilegais usadas pelo contrabando", confessou a VEJA o coronel Arzabe Claver, que até duas semanas atrás dirigiu o Departamento Nacional contra Substâncias Perigosas em Santa Cruz — um cidadão que servia chá de coca em seu gabinete e foi demitido exatamente no dia em que anun-

ciou: "Dentro de seis meses, o narcotráfico terá desaparecido da Bolívia".

ÓTIMA IMAGEM — Tudo isso deu à Bolívia uma evidência que, a rigor, o país não merecia por sua importância econômica no mercado mundial da cocaína, um produto que só a América Latina fornece. No continente, o maior produtor de folha e pasta de coca é, de longe, o discreto Peru — onde tradições análogas às bolivianas

garantem a existência de plantações legais de coca. Ali, existe mesmo uma empresa estatal — a Enaco — para vigiar as plantações e a comercialização da coca — que, teoricamente, deveria ficar nos limites estritos das necessidades da indústria farmacêutica e da química da Coca-Cola, que usa a folha, sem o alcalóide tóxico, para dar gosto ao refrigerante. E, também em contraste com a Bolívia, que há dois meses foi desertada pelos policiais americanos de



repressão a narcóticos, no Peru o governo colabora religiosamente com o programa da Drug Enforcement Agency (DEA), do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, para o combate ao tráfico e erradicação dos "cocais".

Enquanto a Bolívia ganhou notoriedade pela escandalosa, quase pitoresca participação da coca na vida nacional, no Peru tudo se passa dentro de uma magnífica ficção de legalismo. Isso é ótimo para a imagem internacional do país — mas não adianta praticamente nada para o policiamento do comércio de drogas, que ali floresce como nunca. O país vive assim uma situação paradoxal, como resume em Lima o major Hugo Tello Infante, da PIP, a Polícia de Investigações: "O Peru é o maior produtor de coca do mundo, faz a melhor pasta de cocaína do mundo e tem a melhor lei antidrogas do mundo". Tello refere-se ao Decreto-lei n.º 22 095, obra do ex-presidente Morales Bermúdez — que, aliás, durante seu governo, teve a infelicidade de ter um filho capturado em Los Angeles, em maio do ano passado, com um carregamento de cocaína na mala.

MANIFESTOS — Como o filho de Bermúdez, há meses uma outra celebrada personalidade do *establishment* de Lima, o major-general Frank Tweddle, ex-presidente da AeroPerú, ex-membro da Junta Interamericana de Defesa e ex-interventor da revolução de 1965 na aviação comercial, foi pilhado no aeroporto de Lima com 5,3 quilos de cocaína numa maleta de mão. Tweddle está preso, esperando julgamento. Esse flagrante vai para o crédito da DEA — cujo chefe em Lima, William Wetherington, um entre as dezenas de policiais que o órgão mantém em meia dúzia de capitais latino-americanas, na esperança de atrair o tráfico em suas fontes, dispõe de um fichário com 3 000 nomes de peruanos suspeitos de envolvimento com o tráfico.

Fichário melhor só o da legalíssima Frente Nacional dos Produtores de Coca, que combate publicamente a política oficial de erradicação da planta no Peru — pela lei, só pequenos produtores, com o máximo de 10 hectares, podem conservar seus "cocais" a partir deste ano. A Frente publica manifestos em jornais em nome de 200 000 *cocaleros* — responsáveis por quase 90 000 hectares ocupados pelas plantações de coca no Peru. A categoria encontra-se em franca expansão: há seis vezes mais *cocaleros*, hoje, do que constava dos registros da Enaco em 1976, quando se engatilhou o plano nacional de erradicação

No Peru, a droga não tomou o governo, mas disputa com ele metro a metro de terreno. Há três cidades no país — Paraiso, San Francisco e Cadipuchara — onde até hoje não se instalou qualquer autoridade federal. De vez em quando; a polícia peruana faz uma incursão num desses lugares, prende traficantes e destrói os poços de fabrico de pasta. Em seguida, como a própria polícia admite, o comando da vida local volta às mãos dos traficantes — que em Cadipuchara, na beira do lago Titicaca, fronteira com a Bolívia, têm até milícias próprias. "Dizem que essa gente possui até um canhão", conta o major Tello Infante. Somadas, essas três "cidades livres" produzem algo como 1 500 quilos de pasta de coca por mês e têm aeroportos próprios para entregá-la aos traficantes colombianos — os grandes intermediários do contrabando da produção da Bolívia, Peru e da própria Colômbia para os Estados Unidos, o mercado número 1, e os maiores refinadores de cocaína do mundo.

NOVAS FORTUNAS — A produção e a venda de cocaína geram, na Colômbia,

inventariados com parcimônia pela Associação Nacional dos Agentes Financeiros, 460 milhões de dólares por ano. O verdadeiro total é provavelmente muito maior que isso — estimativas da polícia colombiana indicam algo como 2,8 bilhões de dólares. As cifras do tráfico, na Colômbia, são portentosas. Juntas, a cocaína e a maconha — que é o maior produto agrícola do país, à frente mesmo do café — geram prováveis 7 bilhões de dólares e criaram uma economia paralela que hoje representa 40% da economia oficial. Esse dinheiro — a "economia subterrânea" da Colômbia — provocou uma curiosa polêmica.

O governo, como anunciou o presidente Turbay Ayala no mês passado em San Andrés — curiosamente, uma ilha, no Caribe, que funciona como entreposto de contrabando entre a Colômbia e os Estados Unidos — incumbiu uma comissão interministerial de apurar a origem de novas fortunas no país, procurando atingir os negociantes de drogas. Mas a Anif, que já estudou esse mistério antes,



1-A folha de coca

Toda a cocaína do mundo sai das plantações de coca da América Latina. Nos últimos dez anos, apesar de uma política oficial de erradicação patrocinada pelos Estados Unidos, a planta se alastrou pelo continente. Há 1 000 quilômetros quadrados de plantações ostensivas no Peru e na Bolívia, e o cultivo clandestino invadiu a Colômbia, o Equador, a Venezuela e o Brasil. A coca, um arbusto menor que o café, é capaz de dar até cinco safras por ano durante trinta anos. Rende, por isso, ao agricultor o triplo do café e o quádruplo do cacau — mesmo vendida legalmente, a 400 cruzeiros o quilo, para a Coca-Cola ou a indústria farmacêutica.

2-A pasta básica

O traficante de entorpecentes paga pelo quilo da folha de coca pelo menos o dobro — 800 cruzeiros — da cotação oficial. E compra, diretamente do produtor, dois terços da produção do Peru e Bolívia. Na própria região de plantio, a folha é transformada num concentrado — a pasta de coca — que reduz seu peso em cinquenta vezes facilitando o transporte clandestino. O processo é rudimentar: o agricultor ou um intermediário cava um buraco no chão, impermeabiliza-o com plástico e nele dissolve a folha com querosene e ácido sulfúrico. Um quilo de pasta custa no Peru o equivalente a 70 000 cruzeiros. Na Colômbia, onde se refina a cocaína, pode valer sete ou dez vezes mais.

vai em sentido exatamente oposto. No momento, esse severo cenáculo da finança colombiana lidera uma campanha para legalizar a maconha — e assim trazer à superfície pelo menos uma parte desse tesouro enterrado. "Esses narcodólares", segundo Semper Pizano, o presidente da instituição, "estão comprando consciências, campanhas políticas, juízes, hotéis, cassinos, restaurantes e empresas aéreas."

Pizano não está exagerando. Não menos que 25% das ações da Aero Condor, por exemplo, uma tradicional companhia aérea colombiana, pertencem a um traficante com firma reconhecida — Julio Calderón, de Barranquilla, a maior cidade da costa colombiana do Caribe, onde até os motoristas de táxi do hotel El Prado se prontificam a guiar excursões às casas dos traficantes. Enquanto dirigem, vão recitando nomes

e endereços. "Calderón, Rua 76 com Avenida 58, Valdezblanco, Rua 67, Avenida 54, Enrique Coronado, Rua 59, Avenida 54..." Se o passageiro tiver uma encomenda, é só falar.

VERBAS SUSPEITAS — Se os endereços

dos traficantes de Barranquilla são assim tão escancarados é porque eles conhecem os princípios vigentes do lugar onde estão morando. No ano passado, um chefe de polícia de Barranquilla comandou uma batida a essas mansões — e foi demitido por ordem do Ministério da



3-A cocaína

A Colômbia, embora pequena produtora de coca, fabrica com a pasta contrabandeada do Peru e da Bolívia mais de 40% da cocaína comercializada ilegalmente no mundo. O Peru, maior produtor de folhas, fornece ao tráfico outros 25% da cocaína e a Bolívia, pouco mais de 12%. A droga colombiana, um sal refinado por laboratórios clandestinos em Bogotá, Medellín e outras cidades importantes do país, vale cerca de 1,5 milhão de cruzeiros o quilo. A maior parte dessa droga se destina aos Estados Unidos, onde 70% da cocaína entra pela Colômbia. Nos últimos doze meses, apreenderam-se na Colômbia mais de 5 toneladas de cocaína pura, no valor de 7,5 bilhões de cruzeiros.

4-O tráfico

De jato, Bogotá está a duas horas de voo de Miami. Mas, no trajeto entre a Colômbia e a costa da Flórida, a cocaína contrabandeada para os Estados Unidos multiplica seu custo por dez. Nas mãos dos atacadistas do tráfico de entorpecentes americanos, 1 quilo de cocaína vale o equivalente a 14 milhões de cruzeiros. O transporte é tão lucrativo que paga despesas fabulosas — como a compra de aviões de carga pelos traficantes — e fez surgir um surto de pirataria marítima no Caribe: os contrabandistas roubam iates e barcos pesqueiros para levar maconha e cocaína até a Flórida. Depois, deixam as embarcações à deriva.

5-A Máfia nos EUA

No mercado americano, a distribuição da cocaína ao consumidor é controlada pela Máfia. E sua rede faz milagres com o pó trazido puro da Colômbia. Ele é misturado com bicarbonato de sódio, amido, ácido bórico — tudo o que tiver aparência de cocaína — e chega às ruas com seu índice de pureza reduzido a 10%. Por esse coquetel de pós brancos, o viciado desembolsa aproximadamente 80 dólares — ou 4 600 cruzeiros. Isso significa que, do momento em que saiu da Colômbia, o preço do pó cresceu quase 500 vezes — o suficiente para custear todas as despesas do tráfico, inclusive o suborno de alfândegas e as perdas do transporte. No último ano, o contrabando abandonou 300 aviões em aeroportos clandestinos da Colômbia.

DESENHO MILTON R. ALVES



FOTOS MARCOS SÁ CORREIA

A afluência da coca: o Toyota novo à porta da palhoça

Defesa. Nesse Ministério, está hoje um grave adversário do tráfico, o general Luiz Camacho Leyva. Mas, como sempre parece ocorrer com tantas autoridades latino-americanas, também ele tem problemas na família: seu irmão, o funcionário da embaixada americana Alfonso Leyva, foi preso em junho com 1,5 quilo de cocaína. Há meses, a Procuradoria da República fez um levantamento sobre o envolvimento dos políticos com a droga. O único resultado é uma discussão que até hoje não acabou no parlamento, na qual todos os partidos se acusam mutuamente de ter recebido verbas suspeitas nas últimas eleições, em maio.

Não poderia mesmo ser muito diferente, com bilhões de dólares, milhares de empregos e um estilo de vida em fogo. O boom da cocaína no mercado americano — que gasta com o pó 13,5 bilhões de dólares por ano, um quarto da dívida externa brasileira — encontrou, na década passada, os colombianos prontos para assumir o controle do mercado. Eles já eram os vendedores de maco-nha aos americanos. Há 50 000 colombianos em Miami — e em Miami, segundo o senador William Proxmire, presidente da comissão de bancos do Senado americano, seis em cada dez bancos movimentam contas de traficantes. Hoje, no sul da Flórida, qualquer operação bancária acima de 6 000 dólares feita por clientes não tradicionais tem que ser registrada no Banco Central americano, que por sua vez passa a informação ao Departamento

de Justiça. Afinal, no mercado de tóxicos dos Estados Unidos, circulam, por ano, 54 bilhões de dólares.

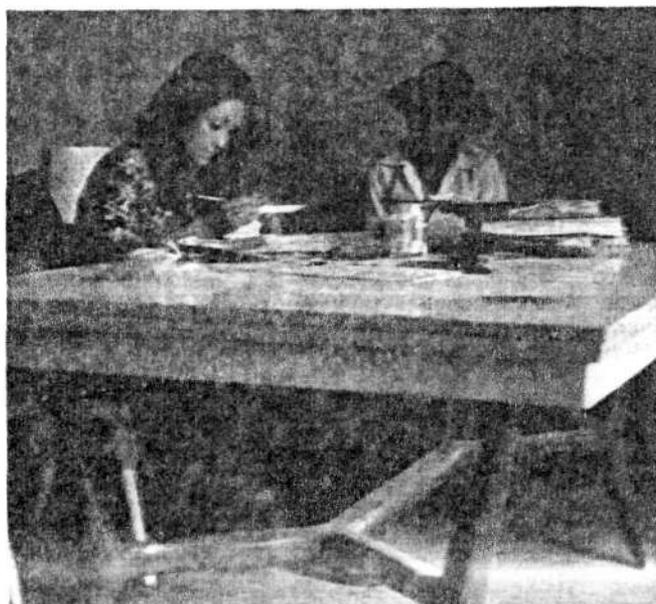
LINHA DIRETA — Os colombianos ensinaram aos vizinhos latino-americanos a rota do tóxico. E ensinaram tão bem que, há dois meses, chamou a atenção da Polícia Federal brasileira, em Manaus, a súbita dedicação das tribos Maku e Uanapixuna, fixadas na fronteira com a Colômbia, ao cultivo do "ipadu". Colheram-se amostras do "ipadu": era a coca que chegava ao Brasil. Os índios estavam trocando o produto por moto-serras com os colombianos. Caiu em julho um bimotor em Moura, na Amazônia, com 500 quilos de cocaína. Era de matrícula colombiana. Uma semana depois, apreendiam-se 74 mi-



Prato: casa de zinco e carro de Miami

lhões de cocaína refinada em Manaus. Na quadrilha, havia 43 colombianos. E assim se descobriu que o Brasil acabava de entrar, sempre pelas mãos dos colombianos, no caminho da cocaína para a Europa, que consome cerca de 14% da produção do continente, ou como despiste das rotas que levam aos Estados Unidos.

A linha direta, em certos casos, já ficou conhecida demais — a DEA sabe inclusive que o voo 908 da Braniff, entre Bogotá e Miami, é o preferido dos traficantes. É preciso, portanto, estar sempre em busca de novos caminhos. Agora, uma parte da droga colombiana desce pelos rios da Amazônia até a cidade de Leticia, na fronteira com o Brasil.



O comitê de Tingo María registra os cocaleros

"VERDE MAR" — A complexidade do tráfico e a inventividade dos traficantes — que já usaram um ex-presidente peruano, Bustamanta Rivero, para levar inadvertidamente cocaína para Los Angeles — convenceram os Estados Unidos de que um remédio eficiente é atacar o mal na raiz. Ou seja, é preciso combater a droga nas próprias roças dos cocaleros latino-americanos em vez de tentar capturá-la em seus infinitos pontos de entrada nos EUA. É aí que age a DEA, com a formidável incumbência de patrocinar o estancamento das fontes de entorpecentes pelo mun-

DE GRAÇA HOJE EM DIA SÓ A CARGA DA BLUE DIAMOND.

Blue Diamond, da Parker, é a única esferográfica que você compra e tem carga grátis por toda a vida. Isso mesmo! Toda vez que a carga da sua Blue Diamond acabar você ganha outra de graça. Por conta da Parker.

BLUE DIAMOND

A imortal



PARKER

Tempo/FCH

do afora. Com alguns sucessos: gastou 9 bilhões de dólares no México para acabar com as plantações de papoula, berço da heroína, e com a maconha. Conseguiu. Mas a maconha emigrou para a Colômbia e a heroína para o Irã, o Afeganistão e o Paquistão, onde caiu fora de seu alcance.

Contra a coca, os resultados são duvidosos. A DEA parece ter perdido muito tempo lutando contra a praga da maconha na Colômbia. Do esforço ficou apenas um desconcertante surto de nacionalismo, contido na campanha de legalização da maconha pela Anif e num documento do Estado-Maior do Exército colombiano, assinado pelo general Joaquín José Matallana. Matallana, um militar que nos anos 70 pedira ajuda a Washington para bombardear seu próprio país — ele queria queimar duas províncias colombianas produtoras de maconha com desfolhantes químicos —, agora está convencido de que a DEA “está destruindo indevidamente” uma riqueza de seu país.

A coca também começa a ter seus defensores — e um deles é a seccional do Partido Comunista do Peru em Cuzco, que armou o sindicato local dos *cocaleiros*. Por isso é que lá não chegou a “Operação Verde Mar”, em que a DEA pagou 1 000 agentes peruanos para destruir os cocais de Tingo María, o maior centro produtor do Peru. “Mas os agentes só queimaram os cocais que estavam na beira da estrada — ou seja, justamente os produtores legais. Um pouco mais além, o cultivo saiu intato”, afirma Edwin Mesías, chefe da PIP local. “O comércio se encolheu um pouco, mas está tudo voltando ao normal”, completa o prefeito, Humberto Rojas. “Agora que fecharam a Enaco aqui, toda a produção (20 000 toneladas de folhas) está indo para o poço.”

O padre Boaventura, um franciscano canadense que há 33 anos está no Peru, denuncia: “Eu sei quando um camponês está vendendo coca para o tráfico. Ele chega aqui de pés descalços e me pede para benzer seu carro — moram em casebres e compram carros de 4 milhões de soles” (quase 1 milhão de cruzeiros). Tingo María, 50 000 habitantes, é talvez o mais clássico exemplo de centro *cocaleiro* da América Latina. A cidade só tem uma rua calçada, mas é a segunda compradora de automóveis Toyota de todo o Peru. Não tem esgoto, mas tem seis bancos. Não recebe imagens de TV, mas possui, segundo o prefeito, “pelo menos dez aparelhos de vídeo-cassete em cores nas casas dos milionários”.

Quem são os ricos de Tingo María? Todos vivem da coca. Há Tito Jaime, o

presidente do Comitê Regional dos Produtores de Coca, que ameaça pedir indenização do governo pelos estragos da “Operação Verde Mar”. Lucho Prato, que tinha 70 hectares plantados de coca, vive num casarão de zinco sem forro, tem carro com placa de Miami e perdeu há cinco anos um irmão, assassinado por traficantes na Colômbia. Há a família Esquivel, que no ano passado declarou só em vendas à Enaco 17 milhões de cruzeiros. Todos esses nomes estão na lista do general Rolando Llanos, o coordenador geral do combate ao tráfico no Peru, como os “grandes traficantes do país”.

Em Tingo María, o rol feito por Llanos em Lima é mostrado ao tenente Mario Jaramillas, seu remoto subordinado.



FOTOS MARCOS SA CORRÊA

Matallana: “Maconha é riqueza”

Jaramillas protesta: “É tudo mentira”. Mesías também nega: “Lucho Prato é um magnata, sim. Mas seus 70 hectares de terra em coca dão um balanço de 150 milhões de soles (35 milhões de cruzeiros) em vendas legais”. Se não são esses os traficantes, muito menos os 15 000 pequenos produtores cuja coca o comitê continua abertamente a comprar, mesmo que a Enaco tenha fechado as portas na cidade — quem faz o tráfico que enriqueceu Tingo María, um povoado à beira da Amazônia peruana fundado pelo pai de Lucho Prato há quarenta anos? “Aqui é mais fácil dizer quem não tem nada a ver com o tráfico que dizer quem tem”, responde o agente Mesías.

MARCOS SA CORRÊA
de Bogotá

EXCLUSIVO

O ministro da coca

Na Bolívia do general Meza, um coronel comanda o clandestino quartel-general do tráfico

Na primeira semana de julho deste ano, um avião bimotor Piper-Azteca explodiu sobre um povoado a 15 quilômetros de La Paz e matou seus três passageiros. Junto aos cadáveres, policiais bolivianos encontraram várias malas que continham 2 milhões de dólares em cédulas de 100 e 50. Intrigados, examinavam a bagagem quando um helicóptero pousou no meio dos destroços e dele desembarcou o dono da empresa de táxis aéreos a que pertencia o Piper: era o coronel Luis Arce Gómez, então chefe do Serviço de Inteligência do Exército (SIE).

Com gestos ríspidos, Arce rasgou o relatório esboçado pelos policiais, ordenou-lhes que regressassem a La Paz e mantivessem absoluto sigilo sobre o episódio.

Só neste ano, três aviões de Arce foram destruídos em tragédias jamais esclarecidas — na Bolívia, os negócios do coronel, ministro do Interior desde a ascensão do general Luis García Meza,

não estão ao alcance de investigações policiais. "El Loco", segundo seus companheiros de caserna, ou "Arce-sino", para seus incontáveis inimigos, o coronel Luis Arce Gómez, de 42 anos, é um veterano da contravenção. No governo de René Barrientos, ainda capitão, envolveu-se no contrabando de couro e cigarros para o Paraguai. À medida que conquistava galões, subia também os degraus do tráfico clandestino. Hoje, Arce é o cérebro dos militares envolvidos no bilionário comércio da cocaína.

A amante de Arce, Rosario Poggi de Quesada, uma atraente morena de 37 anos que nos anos 70 traficou narcóticos entre a Espanha e a Bolívia,

oficialmente, a secretária geral do Ministério do Interior e, informalmente, ocupa o segundo lugar no império clandestino do coronel. Norberto "Bubby" Salomón, coronel da Aeronáutica e sócio de Arce em empresas de transporte aéreo, também acumula cargos no governo e no organograma ilegal subordinado ao ministro do Interior. Depois da vitória do golpe liderado por García Meza, Bubby Salomón foi premiado com o posto de adido militar em Cara-



O estado-maior de Arce (foto maior, à esquerda): Rosario ajuda a coordenar as manobras executadas por Salomón (no alto, à esquerda) e Echeverría

cas. Em maio, um avião de Salomón despencara no aeroporto de Beni com 320 quilos de cocaína a bordo.

Na Bolívia, o soldo de um coronel equivale a 800 dólares. Mas Salomón é dono de três fazendas e três casas alugadas em La Paz. Como a maioria das estrelas fardadas que manobram o comércio da droga, Salomón já serviu em Santa Cruz de la Sierra, centro do tráfico de cocaína em território boliviano. De Santa Cruz, saem generais rebelados em direção a La Paz e pasta de coca rumo ao resto do mundo.

POUSOS NOTURNOS — Em junho passado, numa reunião com os magnatas cruceños de cocaína, o general Hugo

Echeverría, comandante do II Corpo de Exército, baseado na cidade, recebeu uma doação de 2,7 milhões de dólares para derrubar o governo e espantar o fantasma da repressão ao tráfico. Echeverría prometeu a García Meza arrancar os 3 bilhões de dólares necessários para saldar a dívida externa do país com um grupo de amigos. — "mis amigos de Montero", segundo o general. Montero, a 45 quilômetros de Santa Cruz, é virtualmente a primeira zona livre da cocaína em território boliviano.

Fora da Bolívia, amigos de Arce estão sempre expostos a sobressaltos. Alfredo "Cutuchi" Gutiérrez, dono de uma pista de pouso no quilômetro 7 da rodovia Santa Cruz—Cochabam-

ba, cercada de muros altos e equipada com holofotes perfeitos para aterragens noturnas, foi preso em Miami, em maio do ano passado, tripulando um avião abarrotado de cocaína. Não ficou mais de 24 horas na cadeia — mas o caso alertou o coronel Arce para os cuidados especiais que merece Miami, a principal porta de entrada da droga nos Estados Unidos.

Atualmente, a Bolívia mantém seis cônsules em Miami — um deles, o pai de Arce. Todos foram pessoalmente

indicados pelo ministro do Interior, que teme escorregões diplomáticos mas parece convencido de que não está exposto a eventuais represálias econômicas do governo americano.

Recentemente, numa festa dada por amigos em La Paz, o coronel Arce, bastante animado, resumiu os números que fundamentam sua confiança. "O estanho representa 400 milhões de dólares por ano, mas a coca nos dá 1,2 bilhão de dólares", explicou o ministro. "Se os americanos suspenderem sua ajuda, eu não me responsabilizo pela inundação de coca nos Estados Unidos."

LUIZ CLÁUDIO CUNHA, de La Paz.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

Diretor-Geral:
OCTACIANO NOGUEIRA
Diretora da Divisão de Publicações:
DINORÁ MORAES FERREIRA
Chefe do Serviço Editorial:
MARIA LUZIA DE MELO



Diário Oficial

SEÇÃO I

Órgão destinado a publicação dos atos normativos.

Serviços gráficos:
Departamento de Imprensa Nacional
Setor de Indústrias Gráficas — Quadra 6 — Lote 800
CEP 70604 — Brasília — DF

Telefones:
226-7175 (PABX)

226-5432 (Diretoria-Geral)
223-4453 (Divisão de Publicações)
225-4790 (Divisão de Produção)
223-5453 (Divisão de Administração)
226-9938 (Escola de Artes Gráficas)
226-6900 (Tesouraria)

Telex:
(061) 1356 DIMN BR



HISTÓRICO

A Imprensa Nacional foi criada por decreto de D. João VI, em 13 de maio de 1808, com o nome de Imprensa Régia, mais tarde Typographia Nacional, para a publicação dos atos oficiais e despachos do Governo. O Diário Oficial foi fundado em 1862, para a divulgação dos atos oficiais, e editado nesta data com a mesma denominação. Seu primeiro número foi publicado em outubro de 1862.

EXPEDIENTE

Requisitos de originais:

Os originais para publicação devem ser entregues diretamente à redação. A material entregue até 16 horas será publicado no mesmo dia.

Tarifas:

Semestral Cr\$ 580,00
Anual Cr\$ 1.160,00
Por número Cr\$ 1.660,00

Os funcionários públicos gozam do desconto de 50%, mediante comprovação de situação funcional.

Porte postal:

Para remessa postal via superfície, acrescentar os seguintes valores:

Semestral Cr\$ 220,00
Anual Cr\$ 440,00
Exterior: Cr\$ 1.440,00

Assinaturas via aérea devem ser contratadas diretamente na ECT.

Venda avulsa:

O preço do número avulso figura na última página de cada exemplar.

Horário de atendimento: 8 às 17 horas

Decreto nº 85.109, de 02 de setembro de 1980.

Outorga à Centrais Elétricas de Minas Gerais S.A. - CEMIG concessão para o aproveitamento da energia hidráulica de um trecho do Ribeirão das Três Barras, no Município de Conceição do Mato Dentro, Estado de Minas Gerais.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, nos termos dos artigos 140, 150 e 164, letra "a", do Decreto nº 24.643, de 10 de julho de 1934, e tendo em vista o que consta do Processo MME nº 704.805/75,

DECRETA:

Art. 1º - É outorgada à Centrais Elétricas de Minas Gerais S.A. - CEMIG concessão para o aproveitamento da energia hidráulica de um trecho do Ribeirão das Três Barras, situado no Município de Conceição do Mato Dentro, Estado de Minas Gerais.

Parágrafo único - A energia produzida se destina ao serviço público de energia elétrica em sua área de atuação e suprimento a outros concessionários, quando autorizado.

Art. 2º - A concessão de que trata o presente Decreto vigorará pelo prazo de 30 (trinta) anos.

Parágrafo único - Fim do prazo da concessão os bens e instalações que, no momento, existirem, em função dos serviços concedidos, reverterão à União.

Art. 3º - A concessionária poderá requerer que a concessão seja renovada, mediante as condições que vierem a ser estipuladas.

Parágrafo único - A concessionária deverá entrar com o pedido a que se refere este artigo até 6 (seis) meses antes de findar o prazo de vigência da concessão, sob pena de seu silêncio ser interpretado como desistência da renovação.

Art. 4º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 02 de setembro de 1980;
159º da Independência e 92º da República.

JOÃO FIGUEIREDO
Cesar Cals Filho

Decreto nº 85.110, de 02 de setembro de 1980.

Institui o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes e dá outras providências.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, itens III e V, da Constituição, e tendo em vista o disposto no artigo 3º da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, que integra as atividades de prevenção, fiscalização e repressão ao tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, bem como as atividades de recuperação de dependentes.

Parágrafo único. Compõem o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes todos os órgãos e entidades da Administração Pública que exercem as atividades referidas neste artigo.

Art. 2º São objetivos do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes:

I - formular a política nacional de entorpecentes, compatibilizar planos nacionais com planos regionais, estaduais e municipais, bem como fiscalizar a respectiva execução;

II - estabelecer prioridades entre as atividades do Sistema, através de critérios técnicos, econômicos e administrativos;

III - modernizar a estrutura e os procedimentos da administração nas áreas de prevenção, fiscalização e repressão, buscando seu constante aperfeiçoamento e eficácia;

IV - estabelecer fluxos contínuos e permanentes de informações entre seus órgãos, bem como entre o órgão central do Sistema e os organismos internacionais a fim de facilitar os processos de planejamento e decisão;

V - estimular pesquisas, visando ao aperfeiçoamento do controle de fiscalização do tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica;

VI - promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de ensinamentos referentes a substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica nos cursos de formação de professores a fim de que possam ser transmitidos com observância dos seus princípios científicos;

VII - promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de itens específicos nos currículos do ensino de primeiro grau, na área de ciências, com a finalidade de esclarecer os alunos quanto à natureza e efeitos das substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 3º O Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes compreende:

I - o Conselho Federal de Entorpecentes, como órgão central;

II - o órgão de vigilância sanitária do Ministério da Saúde;

III - o órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal;

IV - o Conselho Federal de Educação;

V - o órgão de fiscalização da Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda;

VI - o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, a Fundação Legião Brasileira de Assistência e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, vinculados ao Ministério da Previdência e Assistência Social.

§ 1º Os órgãos mencionados nos incisos II seguintes ficam sujeitos à orientação normativa e supervisão técnica do Conselho Federal de Entorpecentes no que tange às atividades disciplinadas pelo Sistema, sem prejuízo da subordinação administrativa aos órgãos em cujas estruturas estão integrados.

§ 2º Incumbe ao órgão central mencionado no inciso I deste artigo integrar ao Sistema os órgãos dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e dos Municípios que exerçam atividades concernentes à prevenção, fiscalização e repressão de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 4º Compete ao Conselho Federal de Entorpecentes propor a política nacional de entorpecentes, elaborar planos, exercer orientação normativa, coordenação geral, supervisão, controle e fiscalização das atividades relacionadas com o tráfico e uso de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica, bem como exercer outras funções em consonância com os objetivos definidos no art. 2º.

Art. 5º O Conselho Federal de Entorpecentes terá a seguinte composição:

I - um representante do Ministério da Justiça;

II - um representante do Ministério da Saúde;

III - um representante do Ministério da Educação e Cultura;

IV - um representante do Ministério da Previdência e Assistência Social;

V - um representante do Ministério da Fazenda;

VI - um representante do Ministério das Relações Exteriores;

VII - um representante do Estado-Maior das Forças Armadas;

VIII - um representante do órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal;

IX - um representante do órgão de vigilância sanitária do Ministério da Saúde;

X - um jurista de comprovada experiência em assuntos de entorpecentes, escolhido e designado pelo Ministro da Justiça; e

XI - um médico psiquiatra com ampla atuação na área de entorpecentes, indicado pela Associação Médica Brasileira e designado pelo Ministro da Justiça.

§ 1º O Conselho será presidido por um de seus membros, escolhido e designado pelo Ministro da Justiça.

§ 2º O presidente do Conselho, mediante indicação ao Ministro da Justiça, poderá requisitar servidores da Administração Pública para a implantação e funcionamento do Sistema.

§ 3º Os membros do Conselho e seus respectivos suplentes terão mandato de três anos, podendo ser reconduzidos, a critério do Ministro da Justiça.

Art. 6º Compete ao órgão de vigilância sanitária do Ministério da Saúde exercer ação fiscalizadora, na forma estabelecida em lei, sobre os produtos e substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 7º Compete ao órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal prevenir e reprimir o tráfico e uso ilícito de entorpecentes ou substâncias que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 8º Compete ao Conselho Federal de Educação exercer orientação normativa e fiscalizadora de matérias concernentes aos currículos dos cursos de formação de professores e do ensino de primeiro grau, de acordo com o disposto no art. 5º e seu parágrafo único da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976.

Art. 9º Compete ao órgão de fiscalização da Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda exercer, no âmbito de suas atribuições, a fiscalização do tráfico de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica nas fronteiras, portos e aeroportos.

Art. 10. Compete ao Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, à Fundação Legião Brasileira de Assistência e à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor prestar assistência médica e social, de acordo com o que determinam os arts. 9º, § 2º, e 10, § 1º, da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976.

Art. 11. Fica incluído como órgão normativo de deliberação coletiva de segundo grau (letra b, do art.

19, do Decreto nº 69.382, de 19 de outubro de 1971), na estrutura do Ministério da Justiça, o Conselho Federal de Entorpecentes, que terá sua competência desdobrada e suas condições de funcionamento determinados em regimento interno elaborado pelo Plenário e aprovado mediante ato do Ministro da Justiça.

Art. 12. As decisões do Conselho Federal de Entorpecentes deverão ser cumpridas pelos órgãos da administração federal integrantes do Sistema, sob pena de responsabilidade de seus dirigentes.

Parágrafo único. Quando o descumprimento de ato praticado por autoridade estadual ou municipal, o Conselho comunicará o fato à autoridade competente para os fins previstos neste artigo.

Art. 13. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 02 de setembro de 1980;
1599 da Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
Ibrahim Abi-Ackel

Decreto nº 85.111, de 02 de setembro de 1980.

Cancela a autorização de funcionamento dos cursos de História e de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, de Santa Rosa, Rio Grande do Sul.

O Presidente da República,

usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e tendo em vista o Parecer nº 517/80 do Conselho Federal de Educação, conforme consta do Processo nº 2354-6/78-CFE e 213.725/80 do Ministério da Educação e Cultura,

DECRETA:

Art. 1º - Fica cancelada a autorização de funcionamento dos cursos de Geografia e de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, mantida pelo Instituto Educacional Dom Bosco, com sede na cidade de Santa Rosa, Estado do Rio Grande do Sul, concedida pelo Decreto nº 77.251, de 27 de fevereiro de 1976.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, em 02 de setembro de 1980;
599 da Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
E. Portella

Decreto nº 85.112, de 02 de setembro de 1980.

Aprova o Regulamento da Comissão Mista Brasileiro-Argentina para a construção da Ponte sobre o Rio Iguazu, criada pelas Notas trocadas entre os Ministros das Relações Exteriores dos dois países, em 17 de maio de 1980.

O Presidente da República,

usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição Federal,

DECRETA:

Artigo 1º - Fica aprovado o Regulamento da Comissão Mista Brasileiro-Argentina para a Construção da Ponte sobre o Rio Iguazu, que com este baixa, assinado pelos Ministros das Relações Exteriores e dos Transportes.

Artigo 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, em 02 de setembro de 1980;
1599 da Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
R. S. Guerreiro
Eliseu Resende

REGULAMENTO DA COMISSÃO MISTA BRASILEIRO-ARGENTINA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PONTE SOBRE O RIO IGUAZU.

FINALIDADE

Art. 1º - A Comissão Mista Brasileiro-Argentina, criada pelas Notas trocadas entre os Ministros das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil e da República Argentina, em 17 de maio de 1980, tem por finalidade a construção de uma ponte sobre o rio Iguazu, ligando os territórios dos dois países.

Art. 2º - Este Regulamento contém as normas e princípios que regerão as atividades da Comissão Mista a que se refere o artigo 1º.

PRINCÍPIOS E DEFINIÇÕES

Art. 3º - Para os efeitos do presente Regulamento entender-se-á por:

- a) Brasil: República Federativa do Brasil;
- b) Argentina: República Argentina;
- c) Acordo: notas trocadas pelos Governos do Brasil e da Argentina, em 17 de maio de 1980, pelas quais se cria a Comissão Mista para a construção, pelos dois países, de uma ponte sobre o rio Iguazu, a que se refere o artigo 1º deste Regulamento;
- d) Ponte: ponte rodoviária e seus respectivos acessos que serão construídos em decorrência do acordo;
- e) COMIX: Comissão Mista Brasileiro-Argentina, encarregada da construção da ponte;
- f) Obras complementares: são aquelas incluídas pela COMIX no programa de trabalho, a fim de obter maior eficiência na operação da ponte e que estão totalmente a cargo do país no qual se executam;
- g) Delegação brasileira: grupo de delegados indicados pelo Governo do Brasil para integrarem a COMIX;
- h) Delegação Argentina: grupo de delegados indicados pelo Governo da Argentina para integrarem a COMIX;
- i) Mesa-Diretora: conjunto formado pelo Presidente e Secretário da COMIX;
- j) Despesas da COMIX: dispêndios provenientes do funcionamento da COMIX, que serão atendidos, em partes iguais, pelos Governos do Brasil e da Argentina;
- k) Despesas das Delegações: dispêndios correspondentes a cada delegação, no cumprimento de suas funções específicas, que serão de responsabilidade exclusiva de cada Governo;

Dossier Tóxico

T-10



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

Diretor-Geral:
OCTACIANO NOGUEIRA
Diretora da Divisão de Publicações:
DINORA MORAES FERREIRA
Chefe do Serviço Editorial:
MARIA LUZIA DE MELO



Diário Oficial

SEÇÃO I

Órgão destinado a publicação dos atos normativos.

Serviços gráficos:
Departamento de Imprensa Nacional
Setor de Industrias Gráficas — Quadra 6 — Lote 800
CEP 70604 — Brasília — DF

Telefones:
226-7175 (PABX)

226-5432 (Diretoria-Geral)
223-4453 (Divisão de Publicações)
225-4790 (Divisão de Produção)
223-5453 (Divisão de Administração)
226-9938 (Escola de Artes Gráficas)
226-6900 (Tesouraria)

Telex:
(061) 1356 DIMN BR



HISTÓRICO

A Imprensa Nacional foi criada por decreto de D. João VI, em 13 de maio de 1808, com o nome de Imprensa Régia, mais tarde Typographia Nacional, para a publicação dos atos oficiais e despachos do Governo. O Diário Oficial foi fundado em 1862, para a divulgação dos atos oficiais, e editado até esta data com a mesma denominação. Seu primeiro número foi publicado em 1 de outubro de 1862.

EXPEDIENTE

Entrega de originais:

Os originais para publicação devem ser entregues diretamente à redação. A matéria entregue até 16 horas será publicada no mesmo dia.

Assinaturas:

Semestral Cr\$ 590,00
Anual Cr\$ 1.160,00
Exterior Cr\$ 1.660,00

Os funcionários públicos gozam do desconto de 50%, mediante comprovação de situação funcional.

Porte postal:

Para remessa postal via superfície, acrescer os seguintes valores:

Semestral Cr\$ 220,00
Anual Cr\$ 440,00
Exterior Cr\$ 1.440,00

Assinaturas via aérea devem ser contratadas diretamente na ECT.

Venda avulsa:

O preço do número avulso figura na última página de cada exemplar.

Horário de atendimento: 8 as 17 horas

Decreto nº 85.109, de 02 de setembro de 1980.

Outorga à Central Elétrica de Minas Gerais S.A. - CEMIG concessão para o aproveitamento da energia hidráulica de um trecho do Ribeirão das Três Barras, no Município de Conceição do Mato Dentro, Estado de Minas Gerais.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, nos termos dos artigos 140, 150 e 164, letra "a", do Decreto nº 24.643, de 10 de julho de 1934, e tendo em vista o que consta do Processo MME nº 704.805/75,

DECRETA:

Art. 1º - É outorgada à Central Elétrica de Minas Gerais S.A. - CEMIG concessão para o aproveitamento da energia hidráulica de um trecho do Ribeirão das Três Barras, situado no Município de Conceição do Mato Dentro, Estado de Minas Gerais.

Parágrafo Único - A energia produzida se destina ao serviço público de energia elétrica em sua área de atuação e suprimento a outros concessionários, quando autorizado.

Art. 2º - A concessão de que trata o presente Decreto vigorará pelo prazo de 30 (trinta) anos.

Parágrafo Único - Findo o prazo da concessão os bens e instalações que, no momento, existem, em função dos serviços concedidos, reverterão à União.

Art. 3º - A concessionária poderá requerer que a concessão seja renovada, mediante as condições que vierem a ser estipuladas.

Parágrafo Único - A concessionária deverá entrar com o pedido a que se refere este artigo até 6 (seis) meses antes de findar o prazo de vigência da concessão, sob pena de seu silêncio ser interpretado como desistência da renovação.

Art. 4º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 02 de setembro de 1980;
1599 de Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
Cesar Cals Filho

Decreto nº 85.110, de 02 de setembro de 1980.

Institui o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes e de outras providências.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item V, da Constituição, e tendo em vista o disposto no artigo 3º da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes, que integra as atividades de prevenção, fiscalização e repressão ao tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, bem como as atividades de recuperação de dependentes.

Parágrafo Único. Compõe o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes todos os órgãos e entidades da Administração Pública que exerçam as atividades referidas neste artigo.

Art. 2º São objetivos do Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes:

I - formular a política nacional de entorpecentes, compatibilizar planos nacionais com planos regionais, estaduais e municipais, bem como fiscalizar a respectiva execução;

II - estabelecer prioridades entre as atividades do Sistema, através de critérios técnicos, econômicos e administrativos;

III - modernizar a estrutura e os procedimentos da administração nas áreas de prevenção, fiscalização e repressão, buscando seu constante aperfeiçoamento e eficácia;

IV - estabelecer fluxos contínuos e permanentes de informações entre seus órgãos, bem como entre o órgão central do Sistema e os organismos internacionais a fim de facilitar os processos de planejamento e decisão;

V - estimular pesquisas, visando ao aperfeiçoamento do controle de fiscalização do tráfico e uso de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica;

VI - promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de ensinamentos referentes a substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica nos cursos de formação de professores a fim de que possam ser transmitidos com observância dos seus princípios científicos;

VII - promover, junto aos órgãos competentes, a inclusão de itens específicos nos currículos do ensino de primeiro grau, na área de ciências, com a finalidade de esclarecer os alunos quanto à natureza e efeitos das substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 39 O Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes compreende:

I - o Conselho Federal de Entorpecentes, como órgão central;

II - o órgão de vigilância sanitária do Ministério da Saúde;

III - o órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal;

IV - o Conselho Federal de Educação;

V - o órgão de fiscalização da Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda;

VI - o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, a Fundação Legião Brasileira de Assistência e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, vinculados ao Ministério da Previdência e Assistência Social.

§ 19 Os órgãos mencionados nos incisos II e seguintes ficam sujeitos à orientação normativa e supervisão técnica do Conselho Federal de Entorpecentes no que tange às atividades disciplinadas pelo Sistema, sem prejuízo da subordinação administrativa aos órgãos em cujas estruturas estiverem integrados.

§ 20 Incumbe ao órgão central mencionado no inciso I deste artigo integrar ao Sistema os órgãos dos Estados, do Distrito Federal, dos Territórios e dos Municípios que exerçam atividades concernentes à prevenção, fiscalização e repressão de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 40 Compete ao Conselho Federal de Entorpecentes propor a política nacional de entorpecentes, elaborar planos, exercer orientação normativa, coordenação geral, supervisão, controle e fiscalização das atividades relacionadas com o tráfico e uso de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica, bem como exercer outras funções em consonância com os objetivos definidos no art. 29.

Art. 59 O Conselho Federal de Entorpecentes terá a seguinte composição:

I - um representante do Ministério da Justiça;

II - um representante do Ministério da Saúde;

III - um representante do Ministério da Educação e Cultura;

IV - um representante do Ministério da Previdência e Assistência Social;

V - um representante do Ministério da Fazenda;

VI - um representante do Ministério das Relações Exteriores;

VII - um representante do Estado-Maior das Forças Armadas;

VIII - um representante do órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal;

IX - um representante do órgão de vigilância sanitária do Ministério da Saúde;

X - um jurista de comprovada experiência em assuntos de entorpecentes, escolhido e designado pelo Ministro da Justiça; e

XI - um médico psiquiatra com ampla atuação na área de entorpecentes, indicado pela Associação Médica Brasileira e designado pelo Ministro da Justiça.

§ 19 O Conselho será presidido por um de seus membros, escolhido e designado pelo Ministro da Justiça.

§ 20 O presidente do Conselho, mediante indicação ao Ministro da Justiça, poderá requisitar servidores da Administração Pública para a implantação e funcionamento do Sistema.

§ 30 Os membros do Conselho e seus respectivos suplentes terão mandato de três anos, podendo ser reconduzidos, a critério do Ministro da Justiça.

Art. 60 Compete ao órgão de vigilância sanitária do Ministério da Saúde exercer ação fiscalizadora, na forma estabelecida em lei, sobre os produtos e substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 70 Compete ao órgão de repressão a entorpecentes do Departamento de Polícia Federal prevenir e reprimir o tráfico e uso ilícito de entorpecentes ou substâncias que determinem dependência física ou psíquica.

Art. 80 Compete ao Conselho Federal de Educação exercer orientação normativa e fiscalizadora de matérias concernentes aos currículos dos cursos de formação de professores e do ensino de primeiro grau, de acordo com o disposto no art. 59 e seu parágrafo único da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976.

Art. 90 Compete ao órgão de fiscalização da Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda exercer, no âmbito de suas atribuições, a fiscalização do tráfico de entorpecentes e substâncias que determinem dependência física ou psíquica nas fronteiras, portos e aeroportos.

Art. 10. Compete ao Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, à Fundação Legião Brasileira de Assistência e à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor prestar assistência médica e social, de acordo com o que determinam os arts. 99, § 29, e 10, § 19, da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976.

Art. 11. Fica incluído como órgão normativo de deliberação coletiva de segundo grau (letra B, do art.

19, do Decreto nº 69.382, de 19 de outubro de 1971), na estrutura do Ministério da Justiça, o Conselho Federal de Entorpecentes, que terá sua competência desdobrada e suas condições de funcionamento determinados em regimento interno elaborado pelo Plenário e aprovado mediante ato do Ministro da Justiça.

Art. 12. As decisões do Conselho Federal de Entorpecentes deverão ser cumpridas pelos órgãos da administração federal integrantes do Sistema, sob pena de responsabilidade de seus dirigentes.

Parágrafo único. Quando o descumprimento de ato praticado por autoridade estadual ou municipal, o Conselho comunicará o fato à autoridade competente para os fins previstos neste artigo.

Art. 13. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 02 de setembro de 1980;
1599 da Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
Ibrahim Abi-Ackel

Decreto nº 85.111, de 02 de setembro de 1980.

Cancela a autorização de funcionamento dos cursos de História e de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, de Santa Rosa, Rio Grande do Sul.

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e tendo em vista o Parecer nº 517/80 do Conselho Federal de Educação, conforme consta do Processo nº 2354-6/78-CFE e 213.725/80 do Ministério da Educação e Cultura,

DECRETA:

Art. 1º - Fica cancelada a autorização de funcionamento dos cursos de Geografia e de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, mantida pelo Instituto Educacional Dom Bosco, com sede na cidade de Santa Rosa, Estado do Rio Grande do Sul, concedida pelo Decreto nº 77.251, de 27 de fevereiro de 1976.

Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, em 02 de setembro de 1980;
1599 da Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
E. Portella

Decreto nº 85.112, de 02 de setembro de 1980.

Aprova o Regulamento da Comissão Mista Brasileiro-Argentina para a construção da Ponte sobre o Rio Iguaçu, criada pelas Notas trocadas entre os Ministros das Relações Exteriores dos dois países, em 17 de maio de 1980.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição Federal,

DECRETA:

Artigo 1º - Fica aprovado o Regulamento da Comissão Mista Brasileiro-Argentina para a Construção da Ponte sobre o Rio Iguaçu, que com este baixa, assinado pelos Ministros das Relações Exteriores e dos Transportes.

Artigo 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Brasília, em 02 de setembro de 1980;
1599 da Independência e 929 da República.

JOÃO FIGUEIREDO
R. S. Guarreiro
Elisavete Rosendo

REGULAMENTO DA COMISSÃO MISTA BRASILEIRO-ARGENTINA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PONTE SOBRE O RIO IGUAÇU.

FINALIDADE

Art. 1º - A Comissão Mista Brasileiro-Argentina, criada pelas Notas trocadas entre os Ministros das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil e da República Argentina, em 17 de maio de 1980, tem por finalidade a construção de uma ponte sobre o rio Iguaçu, ligando os territórios dos dois países.

Art. 2º - Este Regulamento contém as normas e princípios que regerão as atividades da Comissão Mista a que se refere o artigo 1º.

PRINCÍPIOS E DEFINIÇÕES

Art. 3º - Para os efeitos do presente Regulamento entender-se-á por:

- a) Brasil: República Federativa do Brasil;
- b) Argentina: República Argentina;
- c) Acordo: notas trocadas pelos Governos do Brasil e da Argentina, em 17 de maio de 1980, pelas quais se cria a Comissão Mista para a construção, pelos dois países, de uma ponte sobre o rio Iguaçu, a que se refere o artigo 1º deste Regulamento;
- d) Ponte: ponte rodoviária e seus respectivos acessos que serão construídos em decorrência do acordo;
- e) COMIX: Comissão Mista Brasileiro-Argentina, encarregada da construção da ponte;
- f) Obras complementares: são aquelas incluídas pela COMIX no programa de trabalho, a fim de obter maior eficiência na operação da ponte e que estão totalmente a cargo do país no qual se executam;
- g) Delegação brasileira: grupo de delegados indicados pelo Governo do Brasil para integrar a COMIX;
- h) Delegação Argentina: grupo de delegados indicados pelo Governo da Argentina para integrar a COMIX;
- i) Mesa-Diretora: conjunto formado pelo Presidente e Secretário da COMIX;
- j) Despesas da COMIX: dispêndios provenientes do funcionamento da COMIX, que serão atendidos, em partes iguais, pelos Governos do Brasil e da Argentina;
- k) Despesas das delegações: dispêndios correspondentes a cada delegação, no cumprimento de suas funções específicas, que serão de responsabilidade exclusiva de cada Governo;

ESTRUTURA, COMPETÊNCIA E FUNCIONAMENTO DA DIVISÃO DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES E DE SEUS ÓRGÃOS OPERACIONAIS.

Com a nova estrutura concebida ao Departamento de Polícia Federal, advinha com a edição do Decreto nº 73.332 de 19 de dezembro de 1973, seus órgãos estão ajustados também a um sistema de coordenação e controle, visando obter maior rendimento, tanto a nível central como descentralizado. Esses propósitos guardam adequada sintonia com as diretrizes preconizadas pelo Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967 que, dispendo sobre a organização da administração federal, estabeleceu os princípios destinados à reformulação dos órgãos dela integrantes. O Decreto estruturador do Departamento de Polícia Federal, em sintonia aos princípios de Planejamento, Coordenação, Descentralização e Controle está procurando, através de seus órgãos-fins, alcançar maior rendimento, de molde a dar cumprimento à sua difícil missão constitucional. Dentre estes órgãos situa-se a Divisão de Repressão a Entorpecentes que, sediada em Brasília e subordinada à Coordenação Central Policial, tem o encargo de planejar, coordenar e controlar todo o complexo de atividades ligadas à prevenção e repressão de drogas no Brasil.

Como órgão central, esta Divisão se estrutura com o apoio de duas unidades de assessoramento, compreendendo o Serviço de Planejamento e o Serviço de Coordenação e Controle, cabendo aos órgãos operacionais descentralizados a tarefa de executar as leis e regulamentos específicos.

A Divisão está hoje colocada na posição de órgão implementador das atividades normativas da área de segurança pública, sendo de sua competência o estudo periódico da legislação perrinente e das modificações convenientes ao seu aperfeiçoamento. Cabem-lhe, igualmente, o estudo e a pesquisa sobre as atividades que lhe estão afetas e o preparo de instruções normativas, para o cumprimento de sua missão constitucional. Outra importante função é a referente à orientação que imprime aos órgãos descentralizados para a elaboração de Estudos Regionais de Situação, esclarecendo como devem ser levantados, em cada Estado, a incidência do tráfico e uso indevido de drogas e instruindo inclusive, como consolidar os dados e como relatá-los.

Tem também a incumbência de estudar e propor novas técnicas operacionais para melhorar as atividades policiais, buscando a coordenação de esforços a níveis regionais e a redução de gastos com as operações policiais. Além dessas atividades, a Divisão de Repressão a Entorpecentes, através do Serviço de Planejamento, encarrega-se da elaboração de planos, programas e projetos para acelerar a dinâmica operacional dos órgãos descentralizados, no âmbito das Superintendências Regionais do DPF, sediadas nos Estados.

Compete-lhe, também, acompanhar a situação dos convênios firmados com os Estados para execução dos serviços de prevenção e repressão a drogas, bem como avaliar os resultados dos serviços policiais estaduais, quanto à execução das atividades delegadas.

Através do Serviço de Coordenação e Controle, esta Divisão elabora mensalmente, o Quadro Nacional de Situação, documento no qual estão identificadas as causas, origens, natureza, evolução e efeitos do tráfico de drogas no país e de sua repercussão social. Outra atividade, não menos importante, é a convergência de dados estatísticos recolhidos dos órgãos descentralizados, através de formulário específico, criado em razão da Instrução Normativa nº 01 - DRE - CCP. Nesse

formulário, constam os registros de todos os fatos ocorridos com prisões de traficantes e viciados, relação das drogas apreendidas, forma de sua apresentação e marcas de fabricação, os meios utilizados pelos infratores para ocultação das drogas, bem como os meios de transportes utilizados. Nesse formulário, ainda se recolhem dados pertinentes à produção, aquisição, transformação e destino das drogas, assim como das rotas utilizadas para a sua disseminação, tanto interna como as que procedem do exterior.

A Divisão de Repressão a Entorpecentes ainda representa a Direção Geral do DPF em seminários, conferências e reuniões, na qualidade de órgão técnico, capacitado a externar opinião no tocante à política repressiva de combate às drogas.

ÓRGÃOS OPERACIONAIS

Mas para que hajam resultados palpáveis em termos de rendimentos operacionais, a Divisão de Repressão a Entorpecentes conta com o apoio das Delegacias de Repressão a Entorpecentes subordinadas administrativamente às Superintendências Regionais do DPF, nos Estados.

Essas Delegacias, como projeções da Divisão de Repressão a Entorpecentes, no âmbito estadual, são responsáveis diretamente pela execução das diligências policiais com vistas a apurar as infrações constantes do Artigo 281 do Código Penal, na forma da nova redação oferecida pela Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976.

A delegacia é chefiada por um Delegado de Polícia Federal que, na qualidade de autoridade processante, tem a competência para ordenar operações policiais, lavratura de prisão em flagrante, instauração de inquérito e demais procedimentos para o fiel cumprimento das leis federais pertinentes ao tráfico e uso indevido de drogas.

No âmbito de cada Delegacia, há uma Seção de Operações que tem a atribuição de proceder investigações de natureza policial.

A Seção de Operações é chefiada por um Agente de Polícia Federal que conta com a participação de uma equipe para o cumprimento de suas atribuições.

Essa equipe se incumbem da apuração dos crimes capitulados no Artigo 281 do Código Penal, com a nova redação oferecida pela Lei 6.368/76, bem como da legislação correlata. Realiza infiltrações em locais e ambientes frequentados por traficantes e viciados; promove diligências e vigiâncias sobre as pessoas suspeitas; executa prisão em flagrante dos infratores da legislação específica; procede ao cumprimento de mandado de prisão, bem como exerce efetivamente outras atividades de natureza preventiva e repressiva, no âmbito de sua jurisdição. Procede também, ao levantamento e busca de informações para atendimento às solicitações e pedidos de busca provenientes de órgãos de segurança congêneres do DPF nos ESTADOS.

A Delegacia de Repressão a Entorpecentes ainda conta com o auxílio de um Cartório que é chefiado por um Escrivão.

Todas as atividades de natureza processual são desenvolvidas no âmbito do Cartório, estabelecendo entre o Delegado e o Escrivão um trabalho harmonioso e tão indispensável ao fiel cumprimento das leis.

A Delegacia de Repressão a Entorpecentes ainda colabora com as polícias estaduais, no tocante ao cumprimento da legislação que trata da fiscalização das empresas industriais ou comerciais que manipulam com substâncias entorpecentes, contando também com o auxílio dos órgãos sanitários. Ela ainda elabora planos operacionais de investigação, localização e destruição de plantas consideradas entorpecentes.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES

SITUAÇÃO DO TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL

Pelas informações que a Divisão de Repressão a Entorpecentes recebe periodicamente de suas Delegacias situadas nas diferentes regiões do Brasil, tornou-se possível formar um quadro panorâmico da situação nacional relacionada com o tráfico e consumo de drogas. Estas informações, reiteradamente, têm indicado que a maioria das drogas traficadas em nosso país provém de países vizinhos com os quais o Brasil faz fronteiras.

A nossa extensa faixa de fronteiras tem propiciado a introdução dos mais variados tipos de substâncias entorpecentes que chegam ao Brasil procedentes do Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia.

A maconha, por exemplo, é bastante cultivada no Paraguai e contrabandeada para o território brasileiro, através de pequenos barcos que atravessam o rio Paraná, atingindo diferentes pontos do território brasileiro. Veículos também são utilizados para o transporte e a introdução da maconha em nosso país. Outro grave problema que nossas autoridades estão tendo é com o tráfico de anfetaminas, principalmente o pervitin. Esta substância estimulante, acondicionada em ampolas tem sua origem e produção no Uruguai e Argentina. Seu fabrico se dá em grande escala e é bastante facilitada sua introdução no Brasil, através de inúmeros pontos localizados na fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Paraná.

O pervitin tem grande acitação no mercado brasileiro, notadamente pelos estudantes de nível médio e universitário.

Não menos grave é o tráfico da cocaína para o Brasil. De origem boliviana, a cocaína tem penetrado no país também pelas fronteiras, servindo-se dos Estados de Mato Grosso, Acre e Território de Rondônia. Alguns traficantes se utilizam inclusive de aviões particulares e até comerciais para disseminar esta substância no mercado brasileiro, atingindo os grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outras capitais. Esta droga já constitui problema para a sociedade brasileira. É interessante ressaltar que nosso país também é utilizado como rota intermediária da cocaína, cujo objetivo final são os Estados Unidos e também alguns países da Europa.

Em relação à produção e tráfico de natureza interna, é a maconha nosso principal problema.

Os Estados do Maranhão, Alagoas, Pernambuco e outras regiões situadas no nordeste são os grandes produtores de maconha em nosso país. Quase sempre nossos órgãos operacionais atuam no interior dessas regiões, localizando e destruindo plantações de maconha. Mesmo assim a produção continua aumentando, isto porque estas regiões são de difícil acesso, o que facilita enormemente aos traficantes se dedicarem ao cultivo da planta. Esses Estados abastecem quase toda a região nordestina e a maior parte da produção serve aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal, os quais se constituem nos maiores centros de consumo do país.

Além da maconha, há problemas relacionados com o desvio de substâncias sintéticas, como anfetaminas e barbitúricos, que, produzidos em laboratórios brasileiros, são desviados para o mercado ilícito, sobretudo nas grandes capitais.

O Departamento de Polícia Federal tem procurado empenhar-se no combate desses ilícitos, mas, as peculiaridades do extenso e complexo território brasileiro não tem permitido ainda bloquear a difusa introdução de drogas que ora penetram pelo sul, ora pela parte oeste, ao longo de nossa complexa faixa de fronteiras.

O relacionamento entre a polícia brasileira e as dos países sulamericanos tem sido bom e proveitoso, mas, será preciso estreitar ainda mais o nível de cooperação internacional, a fim de não permitir que a América do sul venha constituir-se em grande foco de produção e centro redistribuidor de drogas para o mundo.

Os recentes acordos firmados pela maioria dos países sulamericanos, para repressão ao tráfico e consumo de drogas, bem como as conferências internacionais promovidas pelos ex-alunos do DEA (Drug Enforcement Administration), poderão constituir-se em valiosos instrumentos para diminuir o mercado clandestino das drogas pelo continente sulamericano, desde que os respectivos governos destinem recursos materiais e financeiros para os órgãos policiais incumbidos de reprimir este tipo de ilícito.

Sem essa assistência dos órgãos policiais sulamericanos, será praticamente impossível colocar sob controle o tráfico e consumo de drogas na América latina.

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
 DIVISÃO DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES
ESCONDERIÇOS DE DROGAS

N O L A R

Na base ou bocal de telefone; Pacote de cigarros; Dentro e sob perucas; Sob pia, tanque ou banheiras; Base de lâmpada; Roupa no armário, cintura de calça, cós, mangas, fita de chapéu; Sapatos, luvas; Canetas; Potes de flor ou Canteiros; Acessórios elétricos no teto ou parede; Em frascos vendidos sob receita médica; Colchões; Atrás de molduras, cartazes, espelhos; Lanternas; Registro desmontável de ar condicionado; Caixa de animal de estimação; Interruptores; Atrás de rodapés; Dentro de portas ocas (parte superior desmontável); Sob tapetes; Dentro de varões de cortina, de armário, varões de cortina de chuveiro; Escada e complementos; Dentro de sinetas ou campainhas; Dentro de frigideiras de fundo duplo; Tampas e canos de fogão; Dentro de crucifixos; Em sacos de golfe; Enrolado numa perçiana; Caixa de correios; Dentro de um cabo de faca; Atrás de um telefone na parede; Dentro de um rádio transistor; Pendurado janela afora; Cano de pia ou tanque; Coleira; No refrigerador: sob frutas, legumes, carne, preso à porta ou à parte do motor com fita adesiva; Forro de móveis; Dentro de descargas de privadas; Livros e Revistas; Cabeceira de cama; Instrumentos musicais ou estojos; Fundo falso em coberturas de radiadores; Quaisquer recipientes ou vasilhames de cozinha; Macanêtas ou campainhas; Atrás de paredes; Atrás de cortinas; Dentro de televisor ou aparelho de rádio; Dentro de tetos falsos e lareiras; Alçapão de esgotos; Dentro de casticais; Dentro da alca de caixa de ferramentas; Em tubos de ensaio; Dentro de máquinas fotográficas; Parte superior de bacia de privada; Parapeito da janela do vizinho; Ralos; Latas de Aerosol falsas; Tubos de luz fuorescentes; Brinquedos de pelúcia e jogos; Em bandaid e caixa de bandaid; No topo da janelas, caixilho, soleira da porta, Mangueiras; Vigas no porão; Venezianas parte superior e inferior; Dentro de relógios; Banco de criança; Agitador da máquina de lavar roupa; Candelabros; lustres; Dentro de Troféus; Dentro de jornais dobrados; Tomada elétrica; Desodorantes de ba-tão; Receptores de creme facial e vaselina; Dentro de cômodas e atrás de gavetas; Dentro de figurinhas de cerâmica ou argila; Carrinhos de bebê e berços de fundo falso; Casa de cachorro; Sapateiras; Latas de filme de 35 mm; Seringas; Dentro de toalhas femininas absorventes e da caixa;; Preso a varias de roupa desmontáveis; Dentro de porta cachimbos; Atrás de tijolo externo perto da janela; No fundo de cano de espingarda; Dentro de cartucho de espingarda ou bala de revól-

Continua...

ver; Dentro de rolos de alumínio; Dentro de porta toalhas; Dentro de rolos de papel higiênico; Dentro de almofadas e travesseiros; Sob assoalho de parquet; Dentro da bôia da caixa de descarga de privada; Caixa de fusíveis; Aquários;; Sabonetes ocos; Parte superior de portas; Pernas ocas de móveis; Saleiro e pimenteiro; Dentro de frutas e legumes ocos; Dentro de persianas; Álbuns de discos; Recipientes de condimentos; Caixas de papel manteigas ; Caixas magnéticas; Alarme contra incêndio; Dentro de cabo de aspirador de pó; Biombos; Dentro de mosquetões ; Dentro de decorações de árvores de natal; Atrás de compartimentos de cozinha; Escoadouro e rego; Canal de ventilação; Bainha de cortina; Árvore oca; Armação de colchão; Caixa com artigos para limpar sapatos; Porta gilete; Canos de fogão; Fronhas; Caldeira de calefação; Na costura de camas de campanha e na parte oca das pernas; Isolamento do sótão; Dentro do genuflexório; Gavetas secretas em mesas; Dentro de tubo de televisão; -Dentro da antena de televisão a cores; dentro de encanamento abandonado ; Dentro da caixa de ferramentas; Dentro de cartas; Base de antena em forma de V; Em ovos; Preso com fita adesiva a caixa de chapéu; Misturado com tabaco; Pata da banheira; Gotas sobre papel de copiador; Orifício para dispor de lâminas de barbear ; Bocal de chuveiro; Parte externa da chaminé; Secador de cabelo; Relógio; Bengala Oca; Telefone Público (devolução da moeda); Jogos de xadrez em miniatura; Dentro e atrás do armário de remédios; No poste de varal de roupa; Nas pernas da tábua de passar roupa; Parte inferior de grelha dupla; Máquinas de ESCREVER e capas de máquina de escrever; Eletroduto de caixa de fusível ; Caixas de Jóias; Cesto de roupa; No exaustor e isolamento do fogão ou pingadeira; Sob o tampo de latas de lixo plástica; Tubo de pasta de dentes; Em pranchas de natação; Dentro do cabo de escova de dente elétrica; Recipiente de talco e creme facial; Saquinhos de chá; Forro de teto acústico; Bíblia (Capa ôca); Pão e biscoitos; Biscoitinhos e doces; Estojos de pintura; Bonecas; Dentro da caixa de luz psicodélica; Pilhas ocas; Dentro de bloco de papel oco; Anti-ácidos; Dentro de triturador de lixo; dentro de tubos e canos de espingarda de ar ; Saco de pregador de roupa ; Fogareiro elétrico; Dentro de esfregão; Dentro do cabo de escova de privada; Protetor de tábua de passar roupa; Sob os ladrilhos do quintal; Coelheira; Sob os postes da cerca; LSD sobre mata-borrão; LSD em queijo suíço na geladeira; Maconhas em vidros de loções para pós-barba; Sob a caixa de correios na esquina; Cabo do pincel para barba; Atrás do número no telefone; Reipientes

Continua...

Fls. 03

de guardar as frutas na geladeira; Fundo de Saco de guardar comida para cachorro; Gaiola de passarinho.

ESCONDERIJO DE DROGAS

INDIVÍDUO

Batom; Isqueiro e pacote de cigarros; Preso ao seio ou soutien; Reto; Vagina; Nariz, Ovidos, boca, Nádegas; Lapelas de jaquetas ou casacos; Dentro e atrás do relógio ou outra jóia; Preso atrás das orelhas; Punho e cós; Bolsos; Soquetes e sapatos; Frascos de comprimidos; Fitas de chapéu; Latas de filme de 35 mm; Cintos de dinheiro; Forro da roupa; Fundo oco de bengala ou cabo de guarda-chuva; Dentro de chiclete; Piteiras; Estojo de pó compacto; Em envelopes com destinatário; Botões falsos; Em suporte masculino; Em calcões de banho; Em bocal de cachimbo; Chiclete preso atrás da orelha; Preso a shorts; Dentro de olhos postiços; Dentro de braceletes militares; Dentro de sacos de fezes; Dentro de muletas ocas; Dentro de brochas, medalhões, pulseiras e amuletos anéis e brincos; Fralda, cintas, Cintos com zíper ou ornamentados; Fivelas de cinto; Atrás do colarinho ou barbatana de colarinho; Preso no nariz; Sob bandaidas ou ataduras; Membros artificiais; Olhos de vidro; Aparelhos para surdos; Sunca; Engolido e preso aos dentes por intermédio de um barbante; Entre os dedos do pé e preso aos pés com fita adesiva; Nó da gravata e lenços; Estojo de óculos, estojo de lente de contato; Dentro de canetas; Latas e saquinho de guardar fumo para cachimbo; Alfinetes e prendedores de gravata, abotaduras Canetas tinteiras, dentro da braguilha; Dentro da caixa de pilhas de aparelhos para surdos; Garrafas térmicas; Forro de bagagem; Inaladores; Forro de moedeiro; Sob o forro de capacete de motociclista; Em insígnia de cunha militar, lapela e ombreira; Maxixe em contas de colar; Dente postiço; Boina de senhora; Dentro de condecorações militares.

continua...

ESCONDERIÇOS DE DROGASNO AUTOMÓVEL

Farol dianteiro ou trazeiro, Calotas; Dentro da buzi-
na; Filtro de ar; Filtro de óleo; Pneu sobresselente; Banda
de rodagem e poço; pára-brisa (recipiente para limpeza) Mudan-
ça de velocidade; Painel de instrumentos e objetos ornamentais
sobre o mesmo; Excedentes de carros de Polícia com teto duplo;
Dentro e sob cinzeiros; Garrafa térmica no porta-malas; Bate-
ria falsa; Sob os pedais de freio e aceleradores; Chassis,
Chapas; Mangueiras de aquecedor falsas; Visores; Sob tapetas;
Sob o ferro; Latas de filme de 35 mm; Dentro do guidão de mo-
tocicletas; Compartimento sob o chão de volkswagen mais anti-
gos; Dentro de porta pranchas de natacão; Painel do oscilador;
Preso com fita adesiva ao pára-choques; Sob o cromo; Chaveiro
Rádio falso; Atrás da bateria de carro Volkswagen; Atrás do pá-
ra-choque; Silenciador de fundo falso; Regulador de voltagem
oco; Unidade de aquecimento; Respiradores; Rádio; Sobre ou den-
tro do tanque de gasolina; Porta luvas (dentro ou em cima); Capa-
tas de carros esportes; Fundos falso no PORTA malas; Caixa de
fusíveis no porta-malas; Assento trazeiro; Chão; Porta mala;
Dentro da tampa do óleo; P rta-chaves; Sob os assentos; Acende-
dor de cigarros; Carburador; Frascos de comprimidos; Coluna de
direção do indiciador de transmissão '53 -Chevrolet 45; Dentro
da Tampa de caminhões; : entro de porta bagagens sobre o teto; Fa-
rol trazeiro de motocicleta; Escapamento; Isolamento sob a capa-
ta; Sinal luminoso de taxi; Preso a janela com fita adesiva;
Caixa de ferramentas; Base de antena do para-lama.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES
ÓPIO E SEUS DERIVADOS

I - ÓPIO

II - CARACTERÍSTICAS E CULTURA

A palavra ópio é derivada do grego OPUS, que significa suco. É extraído da cápsula da papoula. Trata-se de planta, cujo nome científico é Papaver Somniferum, da família das papaveráceas. A planta dá frutos e flores. Da cápsula verde (fruto) se extrai o suco leitoso (látex) através de cortes aplicados na superfície do fruto. O leite endurecido e dessecado ao ar constitui o ópio bruto.

A planta da papoula é cultivada em larga escala no sudeste asiático (Laos, Birmânia e Tailândia), Índia, China, Egito e Turquia. Nas Américas, o México também cultiva e produz papoula. Esta planta atinge medidas que vão de 1 a 2 ms de altura. Seu caule é erecto e elegante. Possui pouca ramificação com folhas sem pecíolo na parte superior, possuindo, contudo na inferior. As flores são grandes, com 4 pétalas. As cores, são: branca, vermelha e ~~xxxxxxx~~ rosada. Os frutos têm características de uma cápsula ovalada que vão de 5 a 10 cm de comprimento, com diâmetro de 3 a 6 cm. No interior do fruto há galerias separadas que contêm grande quantidade de minúsculas sementes, reticuladas e alvacentas.

A cultura da papoula requer adequada técnica para seu cultivo. A terra deve ser preparada e fertilizada, preferentemente em terreno de aluvião, isto é, que tenha sido inundado e depositado argila deixada pelas águas. O terreno, nestas condições é propício ao cultivo.

A época de sua colheita se efetua todos os anos, entre os meses de maio e junho. Para obter o látex, o camponês utiliza-se de facas especiais, propícias às incisões são feitas em sentido horizontal, vertical e transversal, as quais vão permitir a saída do suco leitoso que, em contato com o ar, vai se coagulando. São utilizados para a colheita, instrumentos semelhantes a colheres em que o camponês retira o látex escorrido ao longo dos cortes sobre o fruto. O produto recolhido constitui-se de uma massa pardacenta que é exposta ao ar para secar.

Ensina Edevaldo Alves da Silva que "a papoula não

pode ser evitada, porque, do ópio propriamente dito, ou seus alcalóides, são executadas fórmulas medicinais com finalidades terapêuticas. Entre essas fórmulas podemos citar tinturas, xaropes, extratos de ópio, as pílulas de cinoglossa, o pó de Dover, o laudano de Paracesso e Rousseau, o elixir paregórico, além da própria morfina, que entra na composição de várias fórmulas, para acalmar dores violentas.

O ópio possui inúmeros alcalóides, destacando-se a morfina, codeína, papaverina, tebaína, e ainda dele se extrai o ácido sulfúrico, óleo fixo, óleo volátil, resina, goma albumina, mucilagem resíduos vegetais.

II ASPECTOS HISTÓRICOS

A Mesopotâmia é apontada como habitat original da papoula, vegetal que dá origem ao ópio. O suco desta, por sua natureza hipnótica, era recomendado para cura de variadas moléstias, tendo Hipócrates (Pai da Medicina), sábio médico da Antiguidade, feito uso dele para diminuir os sofrimentos dos doentes.

Pensadores consagrados, como Plínio, Celso, Virgílio, descreveram em suas obras os efeitos e propriedades medicinais da papoula. Diágoras e Erasistrato, face os efeitos nocivos à saúde, aconselharam absoluta abstenção da droga.

A propagação do ópio teve grande influência através dos árabes, no século VII, que o disseminaram pela Pérsia e Índia. Há episódios marcantes da poderosa influência do ópio sobre a civilização. Basta dizer que esse narcótico deu origem ao conflito ocorrido entre a China e a Inglaterra, no período de 1839 a 1841. A causa da guerra teve como determinante a decisão do governo chinês em mandar afundar um navio inglês que se encontrava na baía de Cantão com grande carregamento de ópio, procedente da Índia. No ano de 1856, surge nova guerra entre os dois países, saindo vitoriosa a Inglaterra. As consequências do segundo conflito impuseram aos chineses enorme sacrifício, pois foram obrigados a franquear cinco de seus principais portos ao comércio britânico. Observa Pacheco e Silva acerca deste episódio que, "deflagrada a guerra, Cantão foi Bombardeada; Changai foi tomada e os chineses forçados a assinar o célebre tratado de Nankin, que obrigava a China a pagar elevada indenização, a abrir os seus portos para que prosseguisse o comércio infame e ainda a ceder a baía de Hong Kong aos vitoriosos". Assinala E. Marin que a "vitória esmagadora obtida pela Inglaterra rompeu o círculo em que vivia a China. O entusiasmo que se verificou na

Inglaterra e na Europa inteira contrastava com a tristeza do velho mundo, que se sentia atingido no coração. A rendição de Cantão, antiga capital, cidade que havia sido não apenas o centro comercial, mas também o núcleo de resistência dos soberanos, assinalava a derrota irremediável ante os ingleses do Ocidente".

Contudo, a situação na época de hoje é inversa, pois são os chineses que têm difundido em grande escala o ópio, sobretudo a heroína para países do Ocidente, procurando com isso não apenas lucros financeiros, mas acima de tudo, destruir as bases do sistema democrático, numa ameaça constante à liberdade e à saúde dos povos.

O relatório apresentado pela CPI da Câmara dos Deputados, abordando com objetividade o comércio clandestino das drogas, menciona que "o Brasil também passou por problemas difíceis, após o término da I Grande Guerra, quando se difundiu em seu território, em larga escala, o uso do ópio e seus derivados (heroína, morfina) e da cocaína.

A opiomania já foi gravíssimo problema no Brasil, mas graças à nossa legislação e à atuação das autoridades, o abuso da morfina, da heroína e dos derivados sintéticos da ação morfinica é hoje em dia, raro entre os brasileiros. Mas nem por isso deve diminuir nossa vigilância, pois sabe-se que os que fazem uso da heroína, da morfina e de seus derivados serão levados à morte, pelo excesso ou pela falta da droga. É este o maior problema que flagela e destrói a mocidade dos USA e da Europa.

O período crucial foi na década de 1920 a 1930; quando pela difusão em larga escala do uso do ópio, o mesmo chegou a ser considerado "vício social e elegante", existindo o mesmo "fumeries" para atender aos seus usuários.

O uso do ópio e de seus derivados, escreve Celso Telles, "tomou grande impulso depois da introdução da terapêutica da seringa hipodérmica e a corrente absorção dos medicamentos por esse meio (morfina, dionina e heroína). É bem verdade que no momento, não constitui sério problema, o tráfico e uso de ópio no Brasil, isto porque trata-se de narcótico submetido a rígido controle, tanto no âmbito nacional como internacional. Além do mais, o elevado preço dos derivados do ópio no tráfico clandestino, não encontra em nosso país, mercado financeiro, pois a dependência a esse tipo de narcótico é fenômeno que se manifesta principalmente em países ricos e superdesenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos da América.

Segundo cálculos de especialistas no tráfico com nárcótico, se afirma que 10 quilos de ópio bruto podem render 1 Kg de morfina base que depois de transformada em heroína, através dos laboratórios clandestinos e diluída a 5% com outros produtos assimiláveis, permite lucros fabulosos. Uma vez entregue ao tráfico, mormente nos grandes centros urbanos, essa heroína chega a render 1 milhão de dólares. É preciso, porém, tomar cautela ao tráfico internacional dos derivados do ópio. O Brasil, embora não esteja atravessando sério problema com esse tipo de droga, deve estar atento para reprimir objetivamente toda e qualquer tentativa para formação de mercado consumidor entre nós, pois teme-se que no futuro ocorra a difusão desse vício em razão das facilidades de comunicação e, principalmente, por estar o Brasil ampliando seu parque industrial e tecnológico, o que certamente aumentará o nível da renda de sua população, gerando maior facilidade para aquisição de drogas pesadas mais perigosas.

III USO, EFEITOS E PRINCIPAIS DERIVADOS

O médico inglês Thomas Sydenham foi quem primeiro utilizou o ópio para fins científicos, no ano de 1360. De sua pesquisa resultou a criação da conhecida fórmula do láudano de Sudenham (tintura de ópio canforada).

Sendo bem empregado, os derivados do ópio proporciona aos doentes uma sensação de alívio a dor física, elimina transtornos psicológicos, suprime a preocupação e a angústia, enfim acalma o paciente. Quando, porém, são utilizados sem cautelas ou sem orientação médica, podem causar sérias consequências à saúde.

A opiomania ainda é uma das manifestações de consumo de drogas e já foi muito frequente em certas regiões orientais, principalmente na China. Os chineses eram viciados em fumar ou comer o ópio. Somente em época recente é que o governo Chinês conseguiu erradicar a opiomania do país, mediante a adoção ^{de} rigorosas medidas aplicáveis àqueles que violassem a lei estabelecida. Para fumar o ópio são usados diversos tipos de cachimbos. Há cachimbos especiais, cujo recipiente é quase todo fechado, havendo apenas um pequeníssimo orifício por onde a pelota de ópio é introduzida. Para se obter esta pelota de ópio se faz primeiramente seu aquecimento sobre uma mecha de fogo, até atingir o ponto de viscosidade e daí, através de instrumento pontiagudo se colhe uma pequena porção da parte viscosa. Esta pelota é cozida e depois ser

ve par ser fumada. Para isso os fumadores introduzem a pequena pelota no orifício do cachimbo e através de combustão direta, a referida substância desprende fumaça que é tragada devagar e profundamente pelo viciado a fim de obter os efeitos desejados. O ópio, ao ser fumado, dá sonolência que chega ser profunda e também sonhos agradáveis. Quando ocorre a falta de ópio, o viciado sofre bastante, pois esta causa dependência física e psicológica.

Em recente trabalho do Prof. J. Elias Murad, ao discorrer sobre as consequências de uso do ópio e seus derivados que " em seus efeitos sobre o Sistema Nervoso Central, os narcóticos produzem inicialmente, sensação de euforia, bem estar, disposição pronta, etc. Produzem também, além da analgesia, um certo estado de desligamento ou alheamento em relação aos estímulos ambientais. Uma frase, escrita por um opiômano, é característica a este respeito: "sob os efeitos da droga, tenho a impressão de que nada mais ser feito, porque está feito como devia ser". Não há dúvida, de que estes estados são extremamente agradáveis para certas personalidades e são àqueles que, possivelmente, levam ao abuso e, depois à dependência". E continuando, diz o renomado farmacologista, que " os narcóticos produzem dependência física e também psíquica, apresentando todas as características do quadro já descrito para este tipo de dependência. Aliás, segundo o conceito geral dos especialistas, são as drogas que mais facilmente levam dependência. São, por isso, denominadas "hard drugs" (drogas pesadas) pelos autores de língua inglesa.

Em interessante estudo a respeito da crise pela ausência da droga, Edvaldo Alves da Silva assinala as fases evolutivas da dependência, observando que " quando um viciado dependente de ópio ou opiáceos é submetido a períodos de abstinência pode apresentar o seguinte quadro :

- a) abstinência leve : bocejo, lacrimejamento, coriza, suadores.
- b) abstinência moderada : tremores musculares, anorexia, midríase;
- c) abstinência acentuada: febre, aumento da frequência respiratória, agitação insônia;
- d) abstinência grave : vômitos, diarreia, perda de peso.

Várias são as razões manifestadas pelos dependentes dos opiáceos : Eis o que dizem para justificar o vício:

" Faz os meus aborrecimentos a abandonarem minha cabeça".

" Passo a não me incomodar mais com o mundo".

" Temos uma sensação de contentamento e nada nos preocupa".

" Põe a gente a vontade, meio sonolenta".

O ópio possui inúmeros alcalóides, como morfina, a heroína, a codeína. Mas antes de se entrar diretamente nos derivados do ópio, é indispensável ter-se breve noção do que vem a ser alcalóide. Trata-se de substância que contém nitrogênio e se encontra nas plantas. Alcalóide significa "análogo ao alcalis". Os alcalóides se acham amplamente distribuídos na natureza, procedente de muitos gêneros e espécies de plantas. A parte da planta da qual se pode isolar um alcalóide determinado é também muito variada; os alcalóides tem sido encontrados nas folhas, raízes, sementes, cascas, dependendo da planta ou do alcalóide que interesse.

O método geral para isolar os alcalóides a partir dos vegetais baseia-se no fato de que os alcalóides puros são solúveis em dissolventes não miscíveis com água (éter, clorofórmio, etc.), ao passo que a reação com a água converte o alcalóide em sal ácido, que é solúvel na água.

Quimicamente, os alcalóides têm duas propriedades importantes, que os distinguem dos demais sistemas orgânicos: sua basicidade e a presença de nitrogênio na molécula. A nomenclatura orgânica dos alcalóides é complicada, por isso todos têm nomes comuns os quais se conhecem no mercado e na medicina. É costume chamar os alcalóides segundo o gênero ou a espécie de planta do qual procedem, como a plicocarpina (plicocarpus jaborandi), a nicotina (nicotiana tabacum) e a harmalina (paganum harmala), porém, muitos outros designam atendendo a diferentes razões. Alguns se designam segundo seus efeitos fisiológicos, como acontecem com a emetina (um emético) e a morfina (um soporífero). Os alcalóides da granada, as peletierinas, se denominam assim em honra ao primeiro investigador dos alcalóides, o químico francês Pelletier, que isolou a estriquinina, em 1818 e a quinina em 1820.

Os alcalóides têm atraído através dos séculos, não por suas propriedades químicas, mas sim por sua atividade fisiológica. Os povos antigos, egípcios, gregos, romanos, já se utilizavam dos alcalóides, retirando-os das plantas que conheciam. Sócrates bebeu cicuta, um alcalóide, quando foi condenado a morte. O envenenamento das flechas, a mastigação do fruto da areca e o fumo do tabaco, todos têm a sua base na ação específica de um alcalóide. Na América do Sul, os índios envenenaram, durante muito tempo, suas flechas com curare, uma mistura que contém a curari-

na como alcalóide principal. A mastigação do fruto da areca e o fumo do tabaco são estimulantes e os alcalóides são a arecolina e a nicotina.

3 Alguns dos alcalóides mais potentes são também os que geram o vício e seu uso se regula estritamente. A verdade, porém é que se incluem entre nossas drogas mais benéficas. A estriquinina, um veneno energético em dose exagerada, pode-se usar com sucesso como estimulante cardíaco em casos extremos. A morfina e a cocaína, temidas por sua tendência a produzir o hábito, são dois dos mais efetivos analgésicos conhecidos em Medicina. Outros alcalóides comuns na prática médica são a quinina, um antimalárico, e a colchicina, que às vezes é usada no tratamento da gota.

Recentemente, os alcalóides da reserpina têm feito conceber algumas esperanças no tratamento das enfermidades mentais e na hipertensão. Os alcalóides se vendem como drogas brutas, sob prescrição médica. O conteúdo em alcalóides da planta depende, essencialmente, da época do ano e da idade do vegetal e pode experimentar grandes oscilações. No decorrer dos tempos, os químicos têm descoberto muitos substitutos das drogas naturais. Frequentemente o substituto tem as propriedades benéficas da droga natural, com menos efeitos perniciosos secundários. Por exemplo, a procaína (novacaína) tem substituído largamente a cocaína com anestésico local; possui a metade de seu poder anestésico, porém só uma quarta parte de sua toxicidade. O demerol tem provado ser um ótimo substituto da morfina. Apesar de todos estes progressos recentes, os alcalóides naturais ainda se incluem entre os medicamentos mais úteis que temos. Alguns dos sistemas de estruturas que a natureza neles oferece, unidos à facilidade surpreendente com que produz, podem continuar discordando os químicos durante anos a fio.

MORFINA

É o principal e mais poderoso alcalóide do ópio. Certas obras apontam Seguin, no ano de 1804, como o 1º pesquisador a isolar a morfina. Outras obras, todavia, indicam o médico alemão Friedrich Wilhelm Serturner em 1806, com o 1º a reconhecer cientificamente a morfina. A história revela que Serturner estudou no ano de 1817 a substância que o francês Seguin tinha extraído do ópio e que o inglês Edward Taylor, em 1817, também havia extraído da mesma substância.

e demonstrando suas propriedades básicas, elaborou e descreveu os sais dessa base e que chamou de "Orpheum" que hoje significa morfina. É o alcalóide em maior proporção no ópio, cerca de 10% sendo identificado pelo nº 999, que indica o grau de sua natureza. Sua forma é um pó branco de sabor bastante amargo. Como analgésico dos mais poderosos encontrados em medicina, é utilizado para diminuir a dor física, especialmente para casos de sofrimentos insuportáveis. No caso de dores violentas, como espasmos da musculatura lisa, o tratamento pela morfina é dos mais eficazes. A sua ação age sobre o sistema nervoso central (SNC) e se manifesta por curto período de excitação, vindo depois a fase depressiva e a seguir a paralização da dor. Como estupefaciente; a sua ação, com o tempo, enfraquece o organismo e com isso causa tolerância, obrigando o paciente receber maior dosagem, criando com isso um estado de dependência.

O uso moderado e sem cuidados médicos, gera distúrbios de natureza psico-somática. As consequências do uso abusivo de morfina, prejudicam certas funções do organismo, advindo a miose, que é a diminuição do diâmetro das pupilas. A modificação do sistema respiratório, distúrbios intestinais, enfraquecimento do cérebro e das funções sensitivas e sensoriais, são também outras causas provocadas pelo uso incorreto e abusivo da morfina.

Segundo análise do Prof. Carlini, "a morfina provoca a indiferença e marcante letargia. Produz no homem um estado apático e depressivo, escravizando seu dependente".

A morfina pode ser tomada por via oral, mas há os que preferem utilizá-la como substância injetável por via muscular ou endovenosa. Esta última é a preferida, pois os efeitos são mais rápidos, uma vez que a substância é introduzida na corrente sanguínea.

O vício da morfina é bastante variável, dependendo das doses e da estrutura orgânica e psicológica da pessoa. Geralmente os médicos a prescrevem quando o paciente é portador de doença grave e neste caso a recuperação é difícil, exigindo-se bastante habilidade de especialistas em desmorfinação, num trabalho que requer a participação integrada de médicos, familiares e autoridades.

Sobre a morfina, Edvaldo A. da Silva diz que "no começo da intoxicação por morfina, há o que vários autores denominam "a lua de mel da morfina". O morfinômano sente-se alegre, bem

- 9 -

disposto e mesmo eufórico. Todavia, enquanto a hora da nova dose não chega, o morfinômano sente-se angustiado, sente palpitação, falta de ar, sua frio e podem aparecer outros sintomas orgânicos, de conformidade com a constituição de cada um, que varia de indivíduo para indivíduo." Assinala ainda que " a morfina pode levar à morte por sufocação, em virtude dos efeitos narcóticos da droga, isto é, de sonolência e de consequente irresponsabilidade quanto às doses auto-aplicáveis. Sabe-se que bastam apenas 60 mg de morfina para provocar no viciado graves distúrbios orgânicos. A tendência do viciado em morfina é buscar drogas que lhe proporcione efeitos prolongados e fortes. E para isso ele encontra na heroína, que é derivada da morfina, e lo vêzes mais potente do que esta, a satisfação para o vício.

HEROÍNA

Em 1898, a heroína é sintetizada por Bayer, na Alemanha e teve por finalidades substituir a morfina. Porém, mais tarde a experiência demonstrou que a heroína era mais tóxica e perigosa do que a morfina, ficando por isso, proibida sua fabricação. Trata-se de substância semi-sintética, derivada diretamente da morfina pelo processo de acetilação.

Em estudos sobre heroína, José Elias Murad conta que " a síntese, foi realizada há várias décadas atrás, com a finalidade de se obter um produto que fosse tão eficaz quanto a morfina, sob de vista analgésico, o menos toxicomanógeno, isto é, menos capaz de levar à dependência.

As experiências têm demonstrado que a heroína é 10 vêzes mais potente do que a morfina em seus efeitos farmacológicos. Encontrada sob a forma de tabletas ou em pó cristalino, a heroína pode ser aspirada como também misturada em solução líquida e injetada por via intra-muscular ou diretamente aplicada na veia, sendo que este último processo é preferido pelos dependentes, pois seus efeitos são bem mais rápidos. Uma das primeiras reações provocadas pela absorção da heroína, é a atenuação do medo e das preocupações. O dependente sente a princípio um estímulo, sobrevivendo auto-confiança e bom humor. Passada esta fase, sobrevém a indiferença ao meio ambiente, a inércia se manifesta, provocando um estado de letargia.

O pesquisador José Maria Correa, citando experiências desenvolvidas pelo Dr. Lawrence Kold, observa que " o uso da morfina e da heroína, não destrói necessariamente a vida e as

- 10 -

funções mentais, nem é mais destruidor que o álcool, mas reduzem a ambição, diminuem o desejo sexual até quase amortecê-lo, produzem uma sensação de letargia e encorajam a preguiça. Acima de tudo escravizam a pessoa e a escravidão que impõe é absoluta".

O próximo segmento irá abordar o tráfico internacional do ópio e de seus derivados, com ênfase aos locais de produção, preparo de rotas, distribuições e consumo. Cabe salientar que o Brasil apesar de não ser um país onde o consumo da droga seja de revelância, é por outro lado rota intermediária de que se servem as organizações criminosas para a introdução definitiva dos derivados do ópio no Estados Unidos da América do Norte. (ver parte anterior onde consta que no Brasil o ópio não tem mercado de consumo, visto ser droga essencialmente de alto preço.)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- I - TELLES, Celso - Comércio clandestino de Entorpecentes, Serv. Graf. da Sec. Seg. Pub. de S.P. - 61
- II - MURAD, José Elias - Notas de aula - BH.
- III - SILVA, Edvaldo Alves da - Tóxicos no Direito Penal Brasileiro, J.B. Editor, São Paulo, 73.
- IV - Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito para Investigar Causas do Tráfico e Uso de Substâncias Alucinógenas no país. Câmara dos deputados - Brasília. 74.
- V - Material didático fornecido em Curso de Repressão a Entorpecentes pelo National Training Institutr, Drug Enforcement Administration - Washington . USA. 75.
- VI - Folhetos do Instituto Social (Ref. 0104) SP
- VII - Enciclopédia Barsa - Rio. 74
- VIII - Grande Enciclopédia Delta Larousse. Rio. 70.

O ABUSO DE ANFETAMINAS

João José Cury

Nos Estados Unidos da América do Norte, o Dr. Gordon Allens, em 1927, procedeu a síntese da anfetamina. Foi primeiramente empregada para casos de vasoconstricção nasal e tratamentos de resfriados. Hoje, as anfetaminas tem o seu emprego terapêutico para outros fins. Servem para controlar os sintomas de narcolepsia, doença que se caracteriza pela tendência irresistível ao sono. Crianças com transtornos psicológicos são também tratadas mediante prescrição de anfetaminas. Outro seu emprego é para casos de depressão leve. Tem sido também utilizada para combate a obesidade, pois faz diminuir o apetite e o usuário passa a não sentir tanta ansiedade por comida.

Estas drogas são produzidas em laboratórios e obtidas através de substancias básicas, como a benzedrina, a cafeína, a adrenalina e outras.

Dentre as anfetaminas mais conhecidas no Brasil, temos o Pervitin, a Dexedrina, o Dexamil e outras marcas. O Pervitin tem hoje o seu fabrico e uso proibidos, mas continua sendo produzido clandestinamente e tem larga aceitação nos grandes centros consumidores.

As anfetaminas são vendidas mediante prescrição médica rigorosa e controle das autoridades sanitárias e policiais. Em embalagens apropriadas, os laboratórios distribuem às farmácias e hospitais sob a forma de pastilhas, cápsulas, comprimidos, ampolas e em pó. Sua administração, pode ser via oral, intramuscular ou endovenosa.

A história registra que durante a Segunda Guerra Mundial, o uso de anfetaminas cresceu consideravelmente entre os soldados, pois aumentavam suas energias e estimulava a coragem para enfrentar os combates, mantendo-os alerta e dispostos durante horas.

Prescritas para casos de obesidade, hoje, seu uso está bastante generalizado. Jovens universitários tomam anfe

Continua...

anfetaminas para aumentar sua capacidade física, principalmente em ocasiões festivas - carnaval, de modo a mantê-los "acesos" durante a noite.

São por isto, ao lado da cocaína, consideradas as pílulas da energia.

Tem se registrado graves acidentes com o abuso dessas substancias que tornam seus usuários propensos à prática de assaltos e agressões físicas. Há criminosos que delas fazem uso para execução de atos delituosos, pois os efeitos estimulam a coragem, levando-os à prática de agressões e violências.

Estas substancias vem sendo usadas indevidamente por motoristas e vários acidentes rodoviários tem sido registrados, muitas das vezes pela sua ingestão abusiva. Os motoristas, durante o período noturno, tomam doses excessivas para combater a sonolência, mas por outro lado são levados à fadiga física e acabam por dormir no volante, causando sérios desastres nas estradas.

São também abusadas por estudantes em véspera de exames. Durante o prolongamento da noite tomam vários comprimidos de anfetaminas e o resultado tem sido desastroso, pois, ocorre o inverso por ocasião da prova, pois leva-o a um processo inibitório. Uma vez cessados os efeitos estimulantes da droga, certos setores da matéria ficam reprimidos e com isso o estudante tem o sistema mental prejudicado e esquecidos os pontos essenciais fixados durante a noite.

A prática do uso indevido de anfetaminas não fica apenas restrita a motoristas, estudantes e a certas pessoas predispostas ao abuso, mas envolve ainda atletas e executivos de grandes empresas. Nos hipódromos, também tem se verificado a ministração indevida de sal de anfetaminas em cavalos para lhes aumentar a velocidade nas pistas.

O uso e abuso de anfetaminas e de outras substancias psico-ativas, a exemplo das anfetaminas, vem se transformando em grave epidemia social e um desafio para nossas autoridades sanitárias e policiais.

O seu abuso induz elevação de pressão sanguínea, a aceleração do ritmo cardíaco e a transtornos emocionais. A esse quadro sintomatológico inclue-se a psicose e as relações de

Continua...

relações de natureza paranóia. Sobre o grau de dependência a que pode levar o usuário, José Elias Murad assinala que "apesar de provocar alguns fenômenos característicos da chamada dependência física ou orgânica, como por exemplo a compulsão pela droga e a tolerância, ~~para~~ a maioria dos outros, as anfetaminas na verdade, levam a uma dependência psíquica ou psicológica. Isto porque produz uma verdadeira síndrome de abstinência ou de privação durante a sua ausência".

Há outras substâncias, como as metanfetaminas e os anoréticos que são bastante abusados, principalmente esses que gozam de larga aceitação no meio das pessoas obesas.

A respeito da finalidade existente entre as anfetaminas e os anoréticos, José Elias Murad considera que "Há uma relação muito íntima e estreita, porque esses medicamentos também chamados anorexigênicos (produzem anorexia ou falta de apetite) pertencem ao mesmo grupo das anfetaminas, tanto do ponto de vista químico como farmacológico. Exatamente porque são estimulantes do sistema nervoso central e porque podem ser usados para combater hiperfagias e, conseqüentemente, a obesidade. O estímulo central dá ao indivíduo a euforia a disposição necessária para adotar regime alimentar restritivo, contrário aos seus hábitos e ao seu gosto. Assim sendo, os anorexigênicos apresentam os mesmos inconvenientes das anfetaminas, principalmente insônia, podendo, inclusive, provocar distúrbios psíquicos com alucinações em indivíduos sensíveis.

Pesquisas americanas têm revelado que a metanfetaminas é quimicamente relacionada as anfetaminas, mas ativa mais o sistema nervoso central e, conseqüentemente, possui menos efeito na pressão arterial e no ritmo cardíaco do que as anfetaminas.

Essas pesquisas assinalam que muitos abusadores injetam anfetaminas na veia e podem ir aumentando as doses até atingirem mais de cem vezes a dose médica e isto várias vezes por dia. Portanto não é raro ver essas pessoas em estado de tóxico agudo do qual pode resultar conseqüências sérias.

Têm-se observado que abusadores de anfetaminas e metanfetaminas acabam sendo atingidos por doenças infecciosas co

Continua...

como hepatites, , decorrente de uso de aparelho não esterilizado, no caso de seringas e agulhas.

A gravidade do abuso de anfetaminas e metanfetaminas está no seu uso prolongado, pois estas substancias desenvolvem tolerancia e via de consequencia há o aumento gradual que chega a atingir doses exageradas que seriam para causar graves perturbações psicológicas se usadas por uma pessoa pela primeira vez e capazes assim de produzirem efeitos bastante indesejáveis como excitabilidade, loquacidade, tremores, dilatação das pupilas e suorres excessivos. Há casos de psicoses que se manifestam por delírios e alucinações, quer de natureza auditiva ou visual.

Cientistas ligados à química, a farmacologia e a psiquiatria é que tem dedicado às pesquisas sobre o uso e efeitos causados por estas substancias estimulantes, concluíram que elas são perigosas se fosse abolidas do arsenal terapêutico não trariam problemas para a medicina.

Não deixa realmente de constituir grave problema social o abuso destas drogas. Apesar de existir farta legislação instruindo normas para o controle e seu fabrico comércio e uso, tráfico tem aumentado, principalmente quando o desvio de estoques dos laboratórios produtores, e sem se falar dos furtos ocorridos no âmbito dos hospitais onde são retiradas as anfetaminas e outras drogas dos ambulatórios para vendas e uso ilegais, mesmo interior de clínicas para tratamentos e recuperação dos dependentes.

O Brasil vem sendo o maior receptor de anfetamina na América do Sul, sobretudo de norvita que é introduzido em nosso país pelas fronteiras do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso, quase sempre procedentes do URUGUAI, Argentina e Paraguai, e que são produzidas em laboratórios clandestinos. O

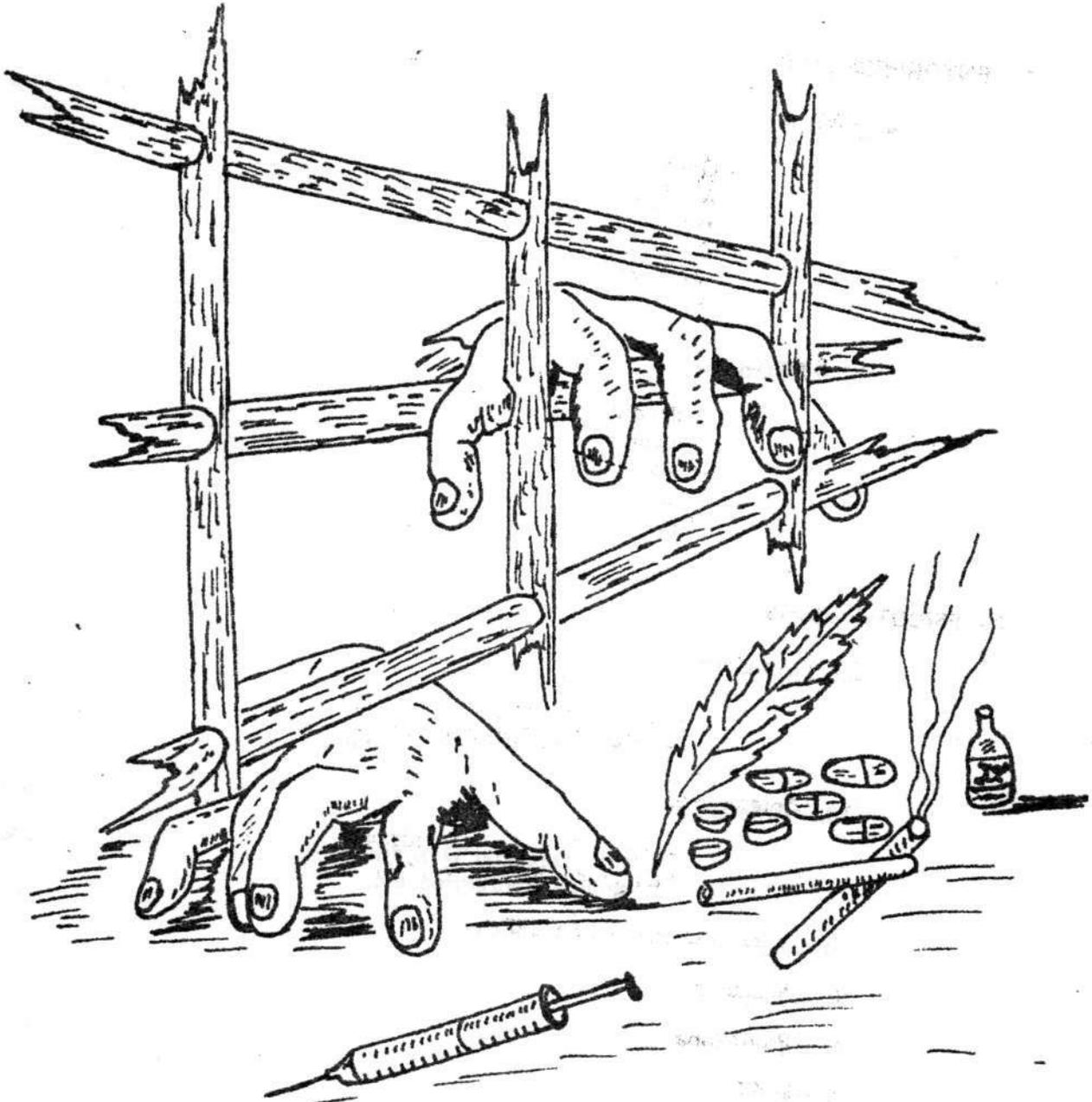
Continua...

O problema com as anfetaminas necessita de maior eficiência, quer de natureza interna, como de cooperação com os países vizinhos. Em nosso país o controle deve ser mantido rigorosamente a partir dos estoques produzidos nos laboratórios bem como nos hospitais, ambulatórios e farmácias. Autoridades sanitárias e policiais devem manter entrosamento permanente a fim de que o controle seja exercido com a necessária eficiência. No campo externo há tratados e convenções internacionais sobre o controle das drogas, cuja tônica é a cooperação dos países envolvidos com o tráfico e consumo. Entretanto não bastam normas internacionais, mas efetiva participação das autoridades num trabalho conjunto e permanente, já que o tráfico de drogas não respeita fronteiras e o seu combate exige a integração de esforços em todos os níveis governamentais.

BIBLIOGRAFIA

- Murad, José Elias - O que você deve saber sobre os psicotrôpicos, Minas Gráfico Editora LTDA-BH- Minas Gerais, 1972
- Carrero, Alfredo Gonzalez- Manual de Drogas que produzem dependência-Serviços Venezuelanos de Publicidade-Cárceres-Venezuela 1972
- Publicação da Smith Kline French-Manual Internacional Sobre abuso de Drogas - Laboratórios Filadélfia - PA, 1969
- Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados que se encarregou de investigar as causas do tráfico e uso de substâncias alucinógenas-BSA-DF 1974
- Folhas Informativas- Instituto Nacional de Treinamento da Administração para Execução das Leis Sobre Drogas - Departamento de Justiça dos Estados Unidos, 1975
- Drogas de Abuso- Instituto Nacional de Treinamento da Administração para Execução das Leis sobre Drogas- Departamento de Justiça dos Estados Unidos, 1975
- Grande Enciclopédia Delta Larousse - RJ 1970

O TOXICÔMANO



POLÍCIA DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES

CLASSIFICAÇÃO DAS DROGAS SEGUNDO A LEGISLAÇÃO

- 1 - ENTORPECENTES
- 2 - PSICOTRÓPICOS

1 - ENTORPECENTES:

a) - Naturais:

- Ópio
- Morfina
- Heroína
- Cocaína
- Maconha
- Etc.

b) - Sintéticos:

- Dilaudid
- Demerol
- Dolantina
- Pitidina
- Etc.

2 - PSICOTRÓPICOS:

a) - Barbitúricos:

- Barbitol, Seconal;
- Amobarbital, Pentotal, Amital.

b) - Anfetaminas:

- Pervitin, Dexamyl, Dexedrina;
- Stenamina, Benzedrina, etc.

c) - Ácido Lisérgico - 25 (LSD)

d) - Mescalina

e) - Psilocibina

f) - DMT

g) - STP, etc.

ENTORPECENTES

-1-

Segundo a definição de DI MATTEI são "venenos / que agem eletivamente sobre o córtex cerebral, suscetíveis de promoverem agradável ebriedade, de serem ingeridos em doses crescente sem determinar envenenamento agudo ou morte, mas capazes de gerar / estado de necessidade tóxica, graves e perigosos distúrbios de abstinência, alterações somáticas e psíquicas profundas e progressivas".

As substâncias consideradas entorpecentes dividem-se basicamente em três grupos: o ópio e seus derivados, a cocaína e a cannabis. Aqui, no entanto, vamos examinar também os entorpecentes sintéticos, drogas produzidas em laboratórios e que têm muita semelhança com os opiáceos.

a) O ÓPIO

O ópio é uma substância entorpecente da qual se extraem mais de vinte alcalóides, quase todos ainda empregados / na medicina sob rigorosa prescrição médica. É extraída da capsula da semente verde da "papaver somniferum", conhecida como papoula / planta cultivada em grande escala na Turquia, no Laos, na Tailândia, na Birmânia, no Egito, na Índia, na China e no México. O suco leitoso, depois de seco ao ar livre, constitui uma massa parda-centa e pastosa. Para sua obtenção faz-se uma incisão vertical ou horizontal na semente e dez ou doze horas depois começa a sair o látex.

A papoula é um arbusto que mede de 1 m a 1,20 m de altura, tem uma folhagem lisa, porém esmaecida e as flores / têm aproximadamente 10 cm de diâmetro. Em algumas regiões onde é produzida é também utilizada na alimentação e na construção de abrigos. As folhas, os frutos e o óleo que produz são comestíveis. Na Turquia, a semente quando madura é comida juntamente com o pão e, em outras regiões, serve também como ração para os animais. As sementes maduras não oferecem perigo à saúde, pois, dado ao processo biológico da planta, três ou quatro dias depois de caírem as pe

pétalas da flor, os princípios ativos da morfina e da codeína existentes na planta são eliminados.

O ópio contém um analgésico poderoso e serve de base à preparação de outras drogas de utilidade médica. No oriente ele é fumado em grande escala. Seu consumo no Brasil é praticamente nulo, pelas dificuldades de obtenção e utilização.

Seu uso como analgésico é conhecido há mais de 2.000 anos, mas foi no século XIX, entretanto, que passou a ser usado abusivamente como relaxante e estupefaciente, principalmente entre artistas e desajustados. Escritores usaram-no desmesuradamente, como estimulante da criatividade, não obtendo qualquer êxito nesse sentido.

O ópio tem propriedades narcóticas, sendo usado pela medicina para provocar relaxamento da sensibilidade, das tensões e da dor, dando ao paciente uma sensação de alívio e descanso. Se tomado em grandes doses, constitui perigoso estupefaciente, capaz de aniquilar qualquer vontade e destruir qualquer iniciativa.

O ópio e seus derivados são em geral depressores. Apenas uma grama de ópio no organismo do viciado faz desaparecer qualquer dor e grande quantidade provoca entorpecimento, alucinações e coma. Com o uso da substância as pupilas contraem-se e a respiração torna-se difícil, os intestinos paralizam-se e o estômago deixa de exercer suas funções. O viciado sofre ainda uma série de distúrbios orgânicos, tais como constipação intestinal, inapetência e decadência física geral. Daí a dispnéia, a palpação, a perda da memória, tremores, loucuras, em suma o aniquilamento total.

O ópio é um entorpecente que provoca tanto dependência física como psíquica e seus principais alcalóides são a morfina, a heroína e a codeína.

b) A MORFINA

A morfina foi descoberta por Fredrich Seturner em 1806. É o principal alcalóide do ópio, podendo ser encontra-

da em forma de pó branco ou em cubos brancos, com um centímetro de lado. Pode também ser encontrado em forma de tabletes, como os da sacarina ou acondicionamento em pequenos frascos rotulados, com nomes diferentes, mas sempre fazendo referência à morfina.

A morfina tem sido substituída pela heroína / por ser mais fácil de ser obtida. Contudo a manutenção do vício / obriga os dependentes a grandes despesas, razão pela qual acabam / dedicando-se a traficância, ao roubo e ao assassinato.

O tempo necessário para uma pessoa se tornar viciada em morfina é variável: pode viciar-se com poucas doses, pode demorar alguns dias ou algumas semanas. Daí o cuidado dos médicos / de prescreverem essa droga somente em casos incuráveis, onde é empregada sem restrições.

A quantidade de droga tomada pelo toxicômano é muito variável, embora a morfina possa ser ingerida por via oral e também injetada como solução. As vezes a solução de morfina vem acondicionada em tubos, tipo seringa, com uma agulha hipodérmica.

A morfina exerce ação narcótica no homem, provocando analgesia e sono profundo.

Heleno Cláudio Fragoso, renomado autor pátrio, nos dá conta do drama por que passa um viciado em opiáceos, no período de abstinência.

"Cerca de doze horas após a última dose de morfina ou heroína o viciado começa a tornar-se intranquilo. Uma sensação de fraqueza o domina; ele boceja, tem calafrios e sua, tudo a um só tempo, enquanto uma descarga d'água vem de seus olhos e de dentro do nariz, a qual ele compara a "água quente escorrendo / da boca". Por algumas horas, lança-se ele em agitação anormal e se torna intranquilo, que os viciados chamam de "YEN SLEEP". Ao despertar dezoito ou vinte horas após a última dose da droga, o viciado começa a penetrar nas últimas profundezas de seu inferno pessoal. Os bocejos podem ser tão violentos que causam deslocamento das mandíbulas; o muco aquoso escorre pelo nariz e lágrimas copiosas caem dos olhos. As pupilas ficam largamente dilatadas; os / cabelos e a pele ficam eriçados, tornando-se a pele fria, com o as

pecto típico de pele de ganso, o que na linguagem dos viciados é chamado de COLD TURKEY, nome que também se aplica ao tratamento / da toxicomania, pela retirada abrupta do tóxico. Então acrescentando-se às misérias do viciado, seu abdome começa agir com violência fantástica: grandes ondas de contração passam sobre as paredes do estômago, causando vômitos explosivos, frequentemente manchados de sangue. Tão extremas são as contrações dos intestinos, que a superfície do abdome parece corrugada e cheia de nós, como se um emaranhado de serpentes estivessem em luta sob a pele. A dor abdominal é severa e aumenta rapidamente. Depois de oito a doze horas, os sintomas começam de novo. Se não se administrar a droga, os sintomas começam a descrever por si mesmos ao sétimo dia, mas o paciente é deixado desesperadamente enfraquecido, nervoso inquieto, sofrendo de renitente colite. Outros autores dizem que a crise de abstinência provoca além desses sintomas, também, fortes alucinações e que a subministração da droga modifica imediatamente o quadro. HARRIS ISBELL, afirmou: "Constitui uma experiência dramática observar uma pessoa miseravelmente mal receber / uma injeção endovenosa de morfina e vê-la dentro de trinta minutos barbeada, limpa, rindo e dizendo pilherias".

c) A HEROÍNA

A heroína é um entorpecente preparado da morfina refinada e varia da cor bronzeada ao branco acinzentado; sendo / até 10 vezes mais potente em seus efeitos farmacológicos. Ela pode ser encontrada em forma de tabletas ou cubos, ou ainda, apresentar-se como um pó cristalino embranquecido. A heroína é um soporífero que tem também a característica de ser muito leve, sendo geralmente acondicionada em cápsulas de gelatina e resguardada em recipiente à prova d'água.

O vício à heroína pode ser adquirido em pouco / tempo e é mais forte que o vício dos demais opiáceos. Esta droga é bastante perigosa se tomada em grandes doses. Geralmente o viciado começa tomando doses pequenas, mas a tolerância faz com que a quantidade vá aumentando gradativamente até o ponto de ser considerada uma grande dose, que daria para matar uma pessoa não vi

-5-

ciada. Observe-se que a tolerância da heroína impõe ao viciado não só o aumento das doses, mas também a sua ministração em intervalos regulares, sob pena de sofrer danadamente.

A heroína é usada dissolvida em água pelo viciado, através de injeção, aplicando-se em qualquer músculo ou diretamente na corrente sanguínea para conseguir um efeito mais rápido. As veias mais preferidas para aplicação da droga são as veias do braço, das costas das mãos, do peito do pé e da curva da perna.

Esta droga pode também ser administrada por via oral ou por inalação. A heroína pura é diluída geralmente com outra substância, como lactose, ou quinino e quando a dose chega ao viciado seu conteúdo varia entre três e dez por cento.

O viciado em heroína, após aplicação da droga sente um estímulo extraordinário, fica eufórico, revigorado e auto-confiante, ainda que pese, serem os entorpecentes da família dos opiáceos, considerados deprimentes. Todas as funções orgânicas do viciado (respiração, digestão, batimentos cardíacos, reações mentais) sofrem redução em suas atividades normais, quando sob influência dessa droga.

d) CODEÍNA

Este é outro alcalóide do ópio, derivado da morfina, mais comumente utilizado em preparação para a tosse. A codeína é usada do mesmo modo que é usada a morfina e a heroína, mas é menos viciadora e menos potente para produzir estados eufóricos. Ela tem um efeito analgésico dez vezes menor do que o da morfina. Nos casos de um consumo regular, de grandes quantidades, as intoxicações comprovadas se devem sobre tudo a utilização do pó em soluções injetáveis. Quando ocorre sinais de abandono, em consequência de seu uso, estes não são tão severos como os da morfina e da heroína.

e) A COCAÍNA

-6-

A cocaína é o princípio ativo que se extrai da planta " coca" um arbusto sempre verde, cultivado na Bolívia, Peru, Colômbia, Java, Ceilão e Formosa. Este arbusto mede em média 1,70 m de altura, tem folhas ovais ou elípticas com 2, 3 e 4 cm de comprimento, flores brancas e pequenas, com 5 pétalas, 5 cepalas/ e 10 stamens, dos quais resultam frutos de forma oval, com 1 a 2 cm de diâmetros. Os frutos inicialmente têm cor verde, depois vão avermelhando e acabam ficando pretos. Eles não contém o alcalóide.

O mais importante na coca é a folha, que é diferente de todas as outras do reino vegetal. É uma folha normal, mas é cortada ao longo por fibras fortes como a fibra central. A folha da coca cultivada no Peru é conhecida como folha de tru-jillo ou folha de cusco. Ela tem um teor de cocaína inferior ao da folha boliviana, mas é mais rica em sedas. A folha da coca boliviana é de cor marrom clara e a peruana de cor verde.

Essa planta cresce bem nas regiões onde existe uma só estação do ano. Ela tem crescido em áreas altas, de 1 500 a 2 000 metros de altura, nas encostas dos Andes. A coca exige / uma quantidade de umidade, de 80 a 90% e uma temperatura que não / exceda a 25 graus. Nas regiões onde há grandes concentrações / elétricas, o teor da cocaína na planta é maior. O nitrogênio é liberado pelas descargas elétricas(raios) e absorvido pelas raízes da planta.

O rendimento de uma planta de coca, quando c/ verde, é de 125 gramas de cocaína e quando seca de 75 gramas. Num acre de terra é possível o cultivo de 7 000 plantas da coca e portanto uma produção de 820 kg de cocaína quando a planta estiver verde ou 490 kg se estiver seca. O arbusto da coca permite três / colheitas por ano e desta forma é possível a produção de 2 460 kg de cocaína, num acre de terra, se colhido quando a planta está / verde ou 1 470 kg se estiver seca.

Remonta aos Incas a mastigação das folhas da coca, como meio de aplacar a fome, aumentar as energias, diminuir a fadiga e evitar moléstias. As folhas secas, quando mastigadas têm um sabor semelhante ao fumo comum.

A cocaína é usada sob a forma de cloridrato, que se caracteriza em agulhas brilhantes, assumindo o aspecto de um pó branco e amorfo com cheiro de amêndoa. Era muito usada como anestésico dentário. Inicialmente a cocaína excita, depois tem ação sedativa e finalmente paralisa, agindo sobre o sistema nervoso central.

A forma de se obter esse cloridrato é mantida como segredo pelas fábricas, porém existem os processos clássicos de refinação usados por traficantes como: a precipitação das folhas da coca com álcool ou querosene, em quantidade 4 ou 5 vezes maior que a das folhas; a mistura de ácido clorídrico e de amônia à pasta básica para obtenção da cocaína propriamente dita.

A cocaína é uma substância estimulante. Ela outrora foi usada na prática médica como poderoso anestésico, mas hoje está em grande parte substituída por outros produtos igualmente eficazes que não causam dependências. Ela produz forte dependência psíquica. Esta droga aumenta e distorce a percepção causando excitação e alucinação. Não causa dependência física nem tolerância, entretanto, como se distribui rapidamente pelo organismo algumas pessoas dependentes da cocaína tomam até 10 gramas por dia. Ela também não provoca crise de abstinência, mas passado seu efeito sobrevem forte exaustão. Em razão dos sintomas psíquicos que essa droga provoca, principalmente alucinatórios, dos tipos visuais e auditivos, o viciado passa por delírios do tipo ciumento que o tornam agressivo e brutal. Com a ministração da droga o indivíduo sente uma grande euforia e êxtase que pode atingir as raias da paranóia. Uma vez tomado pela cocaína torna-se retraído e irritado. Os fatos mais banais se transformam em verdadeiros dramas, podendo espantar-se facilmente ou assustar-se sem causa real. Tem mania de perseguição, sente insônia, ansiedade, formigamento da pele e outros sintomas.

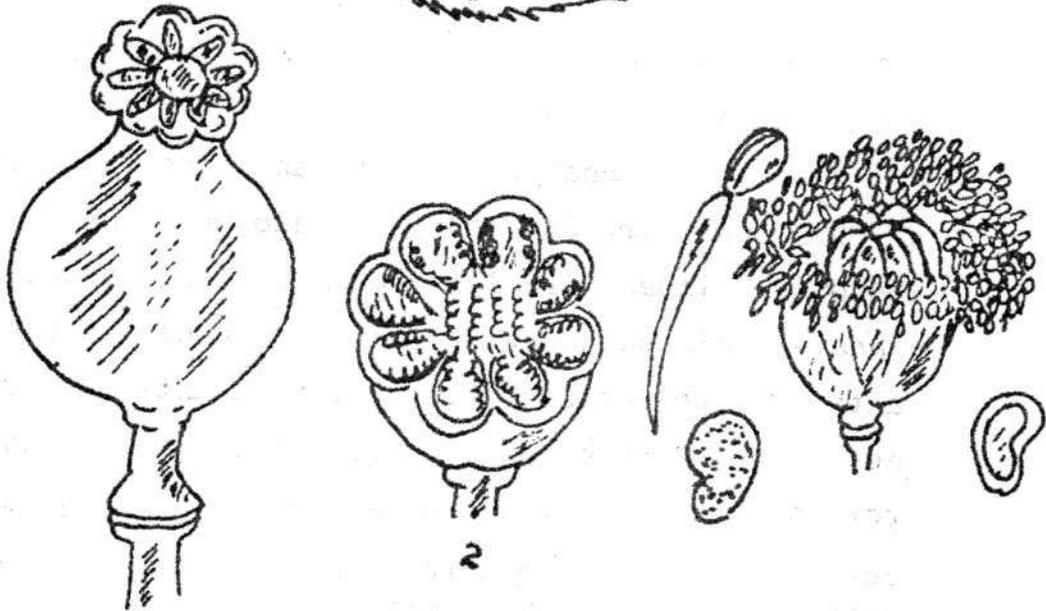
mento da pele e outros sintomas.

-8-

Um indivíduo sob o efeito da cocaína tem as pupilas dos olhos dilatadas. Eles não reagem à luz e se fixam num ponto invisível. Essa droga aumenta o líbio, sobretudo nas mulheres, mas diminui a potência sexual dos homens. Na maioria das vezes o indivíduo torna-se invertido sexualmente ou então mostra-se perverso, antes durante e depois do ato sexual.

A cocaína é geralmente usada em contato com uma mucosa qualquer. A forma mais comum do uso é por inalação, mas pode também o viciado friccioná-la nas gengivas. Alguns gostam de mastigar as folhas secas da coca ou dissolvê-las em água para injetar o líquido no organismo com um aparelho hipodérmico. A cocaína quando absorvida por inalação provoca a destruição das células orgânicas e corrosão do septo nasal. Esta deformação nasal é conhecida como "nariz de rato" e o viciado tem a impressão de que tem coriza permanente, isto, porque a mucosa perde a sensibilidade. Ultimamente os dependentes misturam a cocaína a outras drogas para neutralizar seus efeitos desagradáveis e para prolongar o estado de euforia. Por causa dos efeitos excitantes da cocaína, alguns criminosos ingerem a droga a fim de acharem coragem para cometer crimes. Por isso a cocaína é também conhecida como "droga da coragem".

ENTORPECENTES



2 papaver somniferum

A M A C O N H A

-9-

F) A maconha é cientificamente conhecida pelo nome de *cannabis sativa* Linneu, ou cânhamo. A maconha adquiriu várias sinonímias em outras regiões em que é usada: diamba, riamba, birro, pango, dirijo, fumo d'angola e fumo de maconha no Brasil; marinhua ou marijuana, nos Estados Unidos e outros países latino-americanos; Haxixe, / na Turquia e no Egito; ganja e charas, na Índia e na Pérsia; Kif, no norte da África; dagga, na África do Sul; cañamo, na Espanha; canapa, na Itália; chavre indiem, na /-França; indiam hemp, na Inglaterra; hanf, na Alemanha; e hon-neb, em algumas países árabes. Outros nomes no entanto são dados a essa erva em outras regiões onde é conhecida, pois é uma árvore de muitos nomes.

O cânhamo é uma planta dióica, e por isso as / flores femininas ficam em pés diferentes dos que abrigam / as masculinas. São as femininas as preferidas como maco- / nha.

O cânhamo também nos dá ao lado da maconha, fibras de alto valor comercial e óleos industriais que são extraídos de suas sementes.

A "*cannabis sativa*" não exige um terreno especial para crescer. Com pouco cuidado pode nascer em quase / todos os climas. Em climas quentes ela apresenta uma substância resinosa de forte efeito como euforizante e inebriante. O tipo característico desta planta pode variar de a cordo com a região em que for cultivada ou encontrada, / pois há uma diversificação dentro da espécie. As variedades produtoras de melhores fibras são mais pobres como / produtores do princípio ativo da maconha.

Esta planta pode crescer até seis metros de altura, dependendo da região. Normalmente, o caule tem qua-

tro sulcos longitudinais e as folhas apresentam nervuras salientes e as orlas como dentes de serrate. A folha da cannabis é composta de um número ímpar de folíolos, podendo serem três, cinco ou sete, e apresenta-se com a forma circular por serem os folíolos laterais, menores que os centrais. Os folíolos são longos e estreitos, principalmente na planta fêmea, onde tais características se apresentam de forma mais acentuada.

A cor da cannabis é variável do verde claro ao verde escuro dependendo da idade da planta. É mais clara quanto mais tenra. A semente da maconha tem cor de abacate, durante o crescimento da planta, e marron cinza, quando a planta for adulta. As sementes parecem-se com sementes de uva, são redondas com um diâmetro de três milímetros aproximadamente e encontram-se dentro de pequenos botões floríferos.

A maconha é usada pelos viciados na forma de cigarros, licor (resina diluída) comprimidos e pastilhas. Ela pode, ainda, ser usada comendo-se rascando-se ou aspirando-se sob forma de pó, como rapé. O que se usa como maconha são folhas, as flores, as sementes, o invólucro das sementes e a parte superior do pendão. O licor da maconha é muito semelhante ao chá depois de preparado e o cigarro é geralmente enrolado em papel mais grosso que o cigarro comum para não ser furado pelas pontas finas do "fumo". Muitas vezes os viciados utilizam cachimbos ou aparelhos próprios para fumarem essa erva o que inclusive permite a refrigeração da fumaça ao passar por filtro cheio d'água. Os viciados também fazem cigarro de maconha com folhas de milho, folhas de vegetais, de jornais e revistas.

O cigarro da maconha é mais fino e mais curto do que o cigarro normal, apresentando as extremidades amassadas e reviradas para evitar a perda do material, dado a falta de firmeza e de con-

sistência do mesmo dentro do papel. Estes cigarros na giria são / chamados de "fininho" ou "chinha" e a bagana é chamada de "beata",

Outras medidas existem no comércio da maconha realizada por traficantes e viciados, tais como: o "dólar", que dá para fazer / seis fininhos, o "meio-dólar", o "dólar-duplo", a "mutuca", o "mutução", o "cartucho", e o "quilo".

O viciado dispensa especial cuidado ao fumar o seu cigarro de maconha para não perder nada do mesmo, sendo comum seu uso / em "rodas" ou "assembléias", passando de mão em mão, para não desperdiçar a fumaça, ou fumá-lo em lugar fechado, onde o ar possa / ser confinado, retirada a fumaça e saboreada integralmente. Os viciados costumam também reter a fumaça nos pulmões por mais tempo, / para aproveitar todo o seu efeito. O cheiro da maconha quando queimada é semelhante ao de folhas em combustão e se aproxima também / do cheiro de cigarros para asmáticos.

Em alguns países da Ásia a maconha é deglutida em vários preparados domésticos tais como: conservas, bolos, almôndegas, manteiga, suco, etc. ...

Quanto aos efeitos da maconha sobre o organismo humano, muito se tem escrito sobre a fase de intoxicação, apontando-se como conseqüências: excitação, alucinações, êxtase com tranquilidade, sono profundo, dissociação de idéias, erros no tempo e no espaço, idéias fixas, delírios, perturbações afetivas, ilusões e outros que / se produzem na esfera psíquica.

Contudo os efeitos se fazem sentir também na esfera somática produzindo modificações na fisionomia, secura da boca, modificações do pulso, da pressão arterial, da temperatura, do sono e / do apetite.

Estudos recentes, no entanto, informam que as reações / dos viciados em maconha variam de indivíduo para indivíduo, porque ela age diferentemente sobre as pessoas, dependendo também do tipo biológico de cada um. As seguintes regras gerais são apontadas co-

-12-

mo capazes de identificar o indivíduo sobre os efeitos da maconha: é irrequieto e melindoso; as pupilas apresentam-se dilatadas e o branco do olho torna-se sanguinolento; os olhos não reagem à luz; o indivíduo fica menos sensível à dor; o "dopado" fica desinibido, muito mais do que se estivesse bebado; os sentidos de tempo, espaço e velocidade ficam embotados e nestes casos as horas podem parecer minutos e o rachado de uma calçada, um fosso, ou ainda podem dirigir muito depressa ou excessivamente devagar.

Outros sintomas podem também ser verificados nos indivíduos sob o efeito da maconha: a pessoa fica tagarela, gesticula de mais e dá risadinhas e gargalhadas. Nas fases finais do efeito, o viciado é tomado de grande sonolência que o obriga a procurar a cama.

Devido a todos esses efeitos estimulantes da maconha, o indivíduo "zuado" é capaz de cometer atos de violências, como agressões, estupros e até mesmo assassinatos, pois segundo José Elias Murad, as doses tóxicas abolem os mecanismos naturais do controle e pela remoção dos freios normais da consciência põem em liberdade as paixões, as teras, e os instintos responsáveis pelas atitudes e os comportamentos dos viciados.

Também há motivos para se pensar que os efeitos produzidos pelas diversas formas de cannabis variam segundo a proporção de THC (tetrahidocannabinol) que contenham. Esta proporção pode ser considerada pequena quando nas folhas e talos. Pode alcançar até 40% quando na forma de resina pura e 60% na forma de extrato de cannabis ou de haxixe líquido.

Da mesma forma que outros entorpecentes, o haxixe líquido pode ser obtido em laboratórios clandestinos, preparados por profissionais, que se utilizam de equipamentos sofisticados, ou por amadores que trabalham com instrumentos improvisados.

-13-

Para se obter o haxixe líquido, a erva ou mesmo a resina da cannabis é dissolvida em álcool diluído; a solução obtida é aquecida para evaporação do dissolvente. O processo de aquecimento somente deve ser realizado em uma espécie de câmara de caldeamento, provida de um orifício através do qual se possa recolher o produto condensado, depois da evaporação. O índice de pureza pode alcançar 60 %. A pureza do produto final, isto é, a percentagem de tetrahidrocannabinol, depende da qualidade e perfeição do material utilizado no processo. Acredita-se que com duas ou mais destilações e utilizando-se filtros químicos, o produto final poderá conter de 95 a 100% de tetrahidrocannabinol.

Este entorpecente provoca dependência psíquica/ ao viciado, que quando privado da droga, torna-se irritadiço e deprimido apesar da ausência de sofrimento físico intenso. Tem havido casos de auto-mutilação e suicídio durante essa fase.

G) ENTORPECENTES SINTÉTICOS

Nos últimos anos a ciência tem criado uma série de drogas sintéticas a fim de substituírem os opiáceos naturais. Essas drogas assim manipuladas em laboratórios e, portanto, sem nenhuma vinculação com a origem botânica dos opiáceos, produzem os mesmos efeitos desses narcóticos. São conhecidos vulgarmente como analgênicos, isto é, drogas que aliviam as dores.

O policial lidará provavelmente com as seguintes drogas sintéticas:

1 - CLORIDRATO DE METAPIRIDINA - Essa droga é / também conhecida pelos seguintes nomes comerciais: Demerol, Dolantina e Petidina. Tem um teor analgésico mais ou menos entre o da morfina e da codeína. Por isso, tem um certo grau de "convite" ao vício, semelhante a morfina, porém bem mais brando.

2 - DILAUDID (DIHIDROMORFINA) - Esta droga tem relação estreita com a morfina, tanto em sua natureza química como

nos efeitos fisiológicos que provoca. Todavia, é mais eficaz do que a morfina. Os sintomas dessa droga, são bem semelhantes aos provocados pela morfina.

V - PSICOTRÓPICOS

Os psicotrópicos são substâncias químicas, naturais ou sintéticas que provocam um tropismo psicológico, isto é, são capazes de modificar de vários modos a atividade mental, ora excitando-a, ora deprimindo-a, ora provocando uma ação perturbadora do psiquismo, segundo os médicos franceses J. Delay e P. Deniker.

Essas drogas, no Brasil, são relacionadas pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, que tem sua produção e venda sob controle, quando não proibida, por serem viciadoras.

O índice de tolerância progressiva desenvolvida por estas drogas no organismo é muito menor do que a desenvolvida pelos entorpecentes, mesmo no organismo submetido ao uso prolongado de entorpecentes. Elas escravizam psicologicamente o indivíduo que para largar o vício é forçado a recorrer a cuidados médicos.

É bastante grande a relação das substâncias psicotrópicas e aqui examinaremos aquelas mais perigosas cu de uso mais comum.

a) ANFETAMINAS

As anfetaminas são preparadas do sulfato de anfetamina, droga esta descoberta, em 1927, pelo Dr. G. Alles, nos Estados Unidos. Anfetamina é o mesmo que benzedrina e na mesma categoria estão incluídas a efedrina e a adrenalina. Cinco ingredientes básicos servem à preparação das anfetaminas, como segue:

(ALPHA) - (METHYL) - (PHEN) - (ETHIL) - (AMINA) -15-

A	M	PH	ET	AMINA
A	N	F	ET	AMINA

A anfetamina é uma substância que estimula o sistema nervoso central e pode ser usada, pelo menos no mundo do crime, como substituto para outras drogas. Ela é receitada a pessoas, com excesso de peso para redução do apetite, nos casos de desordem característica para uma necessidade irresistível de dormir e de depressão mental leve.

A anfetamina é apresentada, muitas vezes como um líquido incolor, de sabor causticante e de cheiro muito forte ou em forma de um pó branco e cristalino. Houve uma época, em que elas podiam ser conseguidas em forma de inalante. Em 1932 ela foi lançada no mercado como um inalador. Os toxicômanos retiravam o conteúdo de papel dos inalantes de anfetamina e os ingeriam.

Atualmente, os produtos anfetamínicos são apresentados em forma de comprimidos e cápsulas de formas e cores variáveis, bem como na forma de ampolas, quando líquidos.

Alguns autores tem dado as anfetaminas o nome de "cocaina moderna", porque os efeitos delas são semelhantes aos da cocaina, se bem que mais brandos. Quem ingere uma anfetamina sente-se possuido de eficiência muscular inusitada, levantamento de ânimo, um estado de vigília permanente e perda do apetite. Por terem tais propriedades as anfetaminas são administradas, muitas vezes, aos cavalos de corrida, ou usados por estudantes, para estudar durante a noite, às vésperas de uma prova. Só que o resultado, geralmente, não é o esperado, pois após estímulo inicial, sobrevem forte exaustão, fazendo com que a pessoa de quase nada se lembre.

Tendo em vista que o organismo desenvolve tolerância às anfetaminas, os abusadores costumam aumentar as doses, o que exagera tremendamente os efeitos normais dessas drogas, que provocam exaustão, loquacidade, tremor nas mãos, dilatação nas pupilas, secura na boca e fortes suores. Em casos sérios, desen-

volve-se uma psicose que lembra a esquizofrenia com delírios e alu-
 cinações, tanto auditivos como visuais. Estes efeitos são peri-
 gosos, principalmente, para os motoristas que viajam longas dis-
 tâncias. Eles podem tomar anfetaminas para não adormecer e não
 se dão conta do cansaço até que este os domina, dando como re-
 sultado graves acidentes nas auto-estradas. Assim, essa droga /
 pode camuflar o cansaço, levando o indivíduo ao colapso, total,
 por ignorar a verdadeira situação do próprio organismo.

As anfetaminas não causam dependência física, /
 mas desenvolvem, tolerância aos seus efeitos e determinam depen-
 dência psíquica.

b) BARBITÚRICOS

Em 1864, A. Von Bayer, pesquisador alemão, misturou e condensou o ácido malônico e a uréia, obtendo o ácido barbitúrico. Em 1903 foi colocado no mercado o barbital e em 1972 o fenobarbital. Até 1965 foram lançados cerca de 2500 espécimes de derivados barbitúricos, dos quais apenas 50 tem sido aplicados em hospitais e destes somente 12 são usados para várias doenças.

Os derivados do ácido barbitúrico são empregados em medicina devido a virtude de suas propriedades hipnóticas, isto é, por sua capacidade de induzir ao sono. Eles tem tido longo emprego no tratamento da epilepsia, e, em pequenas doses, possuem ação sedativa, produzindo alívio das pressões e das tensões emocionais. O indivíduo sob os efeitos de um barbitúrico sente um relaxamento e um torpor que pode chegar a uma completa confusão mental.

O início de reação e o tempo de duração dos efeitos dos diversos barbitúricos variam de acordo com o tipo de cada um. Todos os barbitúricos agem sobre o cortex cerebral, embotando parcialmente o ego e as inibições naturais do super-ego.

Há tres tipos diferentes de barbitúricos: os de ação prolongada, que duram de 2 a 4 horas, iniciando seus efeitos entre 30 e 60 minutos após a aplicação; os de ação breve ou intermediária cujos efeitos permanecem por 1 ou 2 horas embora demorem de 15 a 30 minutos para atuar; e os de ação ultra-curta, que são aplicados por via endovenosa, durando seus efeitos menos de 2 horas.

Doses acentuadas e excessivas de barbitúricos provocam desordens de fala, tonteiras, perda de equilíbrio e quedas, irritabilidade e tendencia agressiva. Doses excessivas, especialmente se tomadas conjuntamente com bebidas alcóolicas, resultam em inconsciência e morte, a menos que se preste socorro médico ao usuário.

Para os toxicômanos, usuários de barbitúricos há constante perigo de vida pela facilidade de virem a tomar extra-doses, involuntariamente. Estes indivíduos já desmemoriados, podem esquecer-se de haverem tomado a primeira dose, vindo a tomar outras e várias mais, caindo numa super-dose que pode levá-los a intoxicação aguda, muitas vezes fatal em virtude da possibilidade de morte por parada

respiratória.

-18-

Os barbitúricos são encontrados normalmente em forma de pó branco. Mas também são apresentados em forma de soluções tabletes, comprimidos ou em cápsulas de gelatina, com cores diferentes para cada tipo produzido.

Geralmente os indícios de embriaguês sem o hálito de álcool indicam intoxicação por barbitúricos.

Embora não se desenvolva dependência física com doses normalmente usadas na prática médica, ela pode ocorrer com doses excessivas tomadas pelos abusadores. A esta droga também desenvolve-se tolerância.

c) DIETILAMIDA DE ÁCIDO LISÉRGICO

Lisergic Saure Diathylamid, isto é, diatilamida de ácido lisérgico, apareceu em consequência de uma enfermidade vulgarmente conhecida como "doença de Santo Antão", cujos sintomas e sinais eram os seguintes: frio intenso nas mãos e nos pés, acompanhado de sensação de formigamento, mudança de coloração das extremidades, seguida de cianose intensa, descamação dos tecidos, morte lenta e muito penosa.

O "fogo de Santo Antão", foi conhecido durante mais de cinco séculos na Europa. A princípio encarado como a "ira de deuses contra os homens pecadores" foi, mais tarde, estudado por cientistas, que notaram estar a doença associada ao centeio estragado, possuidor de um fungo, "chaviceps purpurea" mais conhecido como ergotamina. A explicação não tardou: o "fogo de Santo Antão" nada mais era do que uma vasoconstrição provocada pela ergotina. As extremidades do paciente, privadas do sangue, davam aos membros a aparência de estarem carbonizados, era a gangrena seca.

Estudada a ergotina, apareceu o componente básico: o ácido lisérgico. Em 1938, a 2 de maio, Albert Hofmann da química Sandoz, chegou ao LSD, sem que percebesse qualquer indício das propriedades alucinógenas da droga. Em 16 de abril de 1943, ao regressar do trabalho Hofmann percebeu que fora tomado de estranha inquietação. Apresentava ligeira tontura e fora invadido de imagens fantás

ticas. Parecia ter diante dos olhos cores jamais vistas, constituindo surpreendente caleidoscópio. No dia seguinte, já parcialmente refeito procurou a causa do mal estar. Deveria ser algum dos produtos químicos estudados. Por exclusão chegou a dietilamida do ácido lisérgico. Hofmann decidiu fazer uma experiência com uma quantidade julgada mínima, ingeriu 250 microgramas. Durante meia hora nada sentiu. Passou depois a sofrer vertigens, dispersão mental e instabilidade psíquica. Dificuldade de falar, perturbação da vista, com distorções de imagens fora tantos outros sintomas. No dia seguinte estava parcialmente refeito. Uma sensação de cansaço o dominava.

Desde então, o LSD passou a atrair a atenção dos cientistas apesar de outras drogas já haverem evidenciado efeitos alucinógenos. O que mais espantava era a potência do LSD. Cem microgramas seriam capazes de produzir alucinações durante cerca de 24 horas.

Estudo relacionado do LSD com a esquizofrenia apareceram, desde então. Alguns cientistas fizeram interessantes comparações da alucinação do LSD com a esquizofrenia. A principal diferença existente entre ambos é que a alucinação do LSD não tira do experimentador a noção de que está sob o efeito da droga, afirmam alguns cientistas.

Em 1949, o Dr. Max Rinkel e colaboradores introduziram a droga nos E.U.A. Havia esperança de que o LSD, em doses quase infinitesimais, pudesse ser eficaz no tratamento da esquizofrenia. O LSD radioativo é experimentado pelos cientistas. A conclusão a que chegaram foi a seguinte: o LSD não se concentrava no cérebro e sim no estômago, nos rins e no fígado. Apenas uma quantidade mínima chegava ao cérebro. Daí haver surgido uma dúvida: a alucinação seria produzida pela quantidade mínima que chegava ao cérebro ou o LSD gerava um tóxico endógeno responsável pelos efeitos?

Ainda não foram, ao que parece, encontradas as respostas das questões levantadas pelo LSD, mas o certo é que a traficância internacional bem cedo começou a usar a droga como veículo propagação do vício. O LSD, potente, altamente alucinógeno, procurado para fins médicos, transformou-se em indústria de tóxicos e, presentemente, é usado pelos dependentes do Brasil.

Entre outros, o LSD possui os seguintes efei-

tos:

em as e eot

plá esp e

cia cardíaca;

ovo, sica

gue); e

som au

impulsos violentos e suicidas.

- midríase;

- aumento de pressão arterial e da frequên-

- hiperglicemia (aumento de açúcar no san-

- tremores musculares, suor nas mãos, pânico,

Mas o pior dos efeitos é, sem dúvida o da fabricação de monstros, consequência do deslocamento dos cromossomos. Muitos casos registrados mostram que recém-nascidos miam feito gatos" e tem características diferentes dos da espécie humana.

Os efeitos alucinógenos do LSD são dos mais variados. A descrição desses efeitos não é a mesma para os experimentadores. Alguns se sentem bem com o uso da droga, pelo menos no início. Parecem estar no céu, ouvem sons misturados com cores, sentem-se leves e ganham o cosmo. Com a repetição das experiências, o céu passa a ser o inferno, monstros aparecem diante do alucinado, a noção de dimensão é perdida e o experimentador sente-se como se tivesse apenas "alguns centímetros, a formã dos objetos é modificada e a consciência e a personalidade abolidas, temporariamente pelo menos. É o que os dependentes chamam de viagem.

Alguns experimentadores fazem "viagem" e dizem ter visto um "grande olho", chegam a ver outro mundo. Dizem que viram Deus. Sentem desintegrar-se em suas células, ganham o espaço e se dispersam no cosmos.

Leary e Alpert, ex-professores da Universidade de Harvard, tornaram-se adeptos do LSD e o defenderam. Criaram "verdadeira religião. Foram expulsos da Universidade. Leary mais tarde foi preso e segundo o noticiário de jornais tornou-se contrabandista. Ainda segundo os periódicos, conseguiu fugir da prisão e atualmente "se acha na Argélia, incorporado aos Panteras Negras.

O LSD também tem sido empregado, por hipnotizadores. A dose, nesse caso, é de 30 a 50 microgramas. O hipnotizador introduz a droga no indivíduo e dá-lhe comandos: manda que o hipnotizado o obedeça, e ordena que tome posição fetal (pernas flexionadas,

os joelhos junto ao peito, os braços também flexionados e as mãos na região fronto-parietal) e convence o dependente de que ele "vai regredir ao útero materno: é a viagem intra-uterina. O dependente, após certo período, diz que se encontra na infância, que "fez uma "viagem de regresso" e que chegou a se desintegrar.

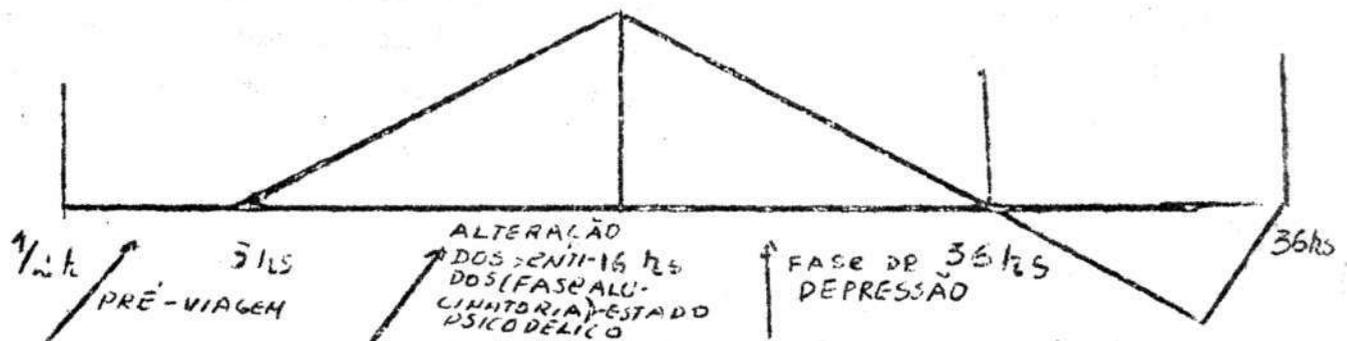
A repetição dessas hipnose conduz o dependente à loucura e à internação. Outros vêem realmente Deus, mas depois de mortos.

Existem praticamente tres fases devido ao uso e aos efeitos do LSD:

1- a pré-viagem, que consiste no período de até tres horas após a subministração da droga;

2- a alucinatória, em que ocorre a alteração dos sentidos, alcançando estados psicodélicos, e desenvolve-se no período de tres a dezesseis horas após o uso da droga;

3- a depressiva, em que os efeitos da droga começam a diminuir, alcançando seu ponto mais baixo depois de decorridos mais de 40 horas do momento do uso. Esta fase tem início dezesseis horas depois de haver sido tomada a droga e estende-se até cinquenta e seis horas depois.



Estas tres fases podem ocorrer tantas vezes quantos se tomar LSD. No caso de uma dose excessiva uma pessoa poderá permanecer para o resto da vida em estado psicodélico.

O LSD pode também provocar um fenômeno conhecido por "FLASH BACK", que consiste na volta do estado alucinatório, sem que a pessoa usuária tenha tomado a droga novamente.

No flash back não ocorre o estágio da pré-viagem, pois começa com o alucinatório, no seu grau mais alto, "que poderá durar uma hora, duas, tres, vinte ou toda a vida.

O que se usa como mescalina é um pó preparado do cacto depois de seco, e que é tomado por via oral. Os indígenas comiam o cacto cru ou cozido, após cortarem-se em fatias, que "secadas ao sol transformavam-se em discos escuros e enrugados.

A mescalina é uma das substâncias que foram extraídas do peiote após pesquisas realizadas em laboratórios, sendo ela a mais importante, pois sob seus efeitos uma pessoa tem visões extraordinárias. Uma dose de 350 a 500 miligramas de mescalina produz ilusões e alucinações durante cerca de 12 horas.

A mescalina pertence ao grupo de substâncias químicas designadas por "aminas", algumas das quais exercem poderosa ação sobre a química do corpo, tal como a adrenalina. A mescalina é um derivado da amônia de carbono. Ela pode ser sintetizada e assim aparecer também sob a forma de pastilhas, produzindo os mesmos efeitos do nauseante cacto.

Com o uso da mescalina a pessoa é levada a "ter visões magnificas, tornando-se mais sensível aos mais delicados fenômenos da luz, sombra e cor. Sob o efeito da mescalina tem-se a visão de cenas com uma gama infinita e jamais sonhada de cores. Alguns dos pesquisadores que tomaram a droga dizem que ela não deixa nenhuma fadiga física, mal-estar e ressaca.

Para os psiquiatras a mescalina produz estados muito semelhantes a esquizofrenia, e é capaz de levar as pessoas tanto a paranóia quanto a catatônia.

Do mesmo modo que o Ácido Lisérgico, a mescalina aparentemente não determina dependência física, mas pode causar dependência psíquica e tolerância.

e) PSILOCIBINA

A psilocibina é também extraída de uma planta. Ela é obtida de certos cogumelos que crescem geralmente no México. Tem a forma de um botão de roupa ou de um chapéu afunilado sobre um caule que mede aproximadamente 10 centímetros. No Brasil "existe uma espécie da família dessa planta que é conhecida em algumas regiões com o nome vulgar de " CHAPÉU DE COBRA ".

Do mesmo modo que a mescalina, a psilocibina tem sido usada há séculos no ritual religioso dos indígenas mexicana-

Existem duas teorias que procuram explicar esse fenômeno:

1- a psicológica, segundo a qual a pessoa "imagina as condições em que tomou a droga numa outra ocasião" e volta ao estado de alucinação em que esteve anteriormente;

2- a química, em que partes da droga ou "seus componentes químicos permanecem no organismo e uma vez se juntando reproduzem a droga que provoca alucinações. O fenômeno" do flash back ainda não foi satisfatoriamente estudado e explicado.

O uso regular do LSD não leva à dependência física, mas pode desenvolver uma certa dependência psicológica.

É possível também que o tomador habitual desenvolva uma tolerância à droga, conseqüentemente as doses regulares produzem um

efeito cada vez menor, de onde vem a necessidade de aumentar a dose consumida.

Esta droga não tem cheiro, não tem cor, não tem sabor e pode apresentar-se em forma líquida ou de comprimidos, com os mais diversos aspectos e até mesmo misturados a outras substâncias.

Ultimamente o LSD vem sendo produzido em forma concentrada, em países da Europa, como comprimidos escurecidos, semelhantes a semente de couve, com uma potência superior em vinte vezes a de uma dose comum, portanto com capacidade para matar uma pessoa.

d) MESCALINA

Nas áridas mesetas do México e a Sudoeste dos Estados Unidos da América cresce um cacto que as tribos indígenas qualificavam como sendo o "MANJAR DOS DEUSES" mas que os sacerdotes católicos espanhóis qualificaram como sendo a "RAIZ DIABÓLICA". Este cacto chama-se peiote mas seu nome científico é "LOPOPHORA WILLIAMSII".

Ele apresenta uma haste de cerca de oito centímetros em forma de protuberância circular, de cor verde densa, cuja superfície é recoberta de botões sedosos e emerge de uma raiz que lembra uma cenoura.

nos. Foi estudada por Hofmann nos laboratórios Sandoz. Ela é altamente alucinógena e foi largamente usada por viciados até ser ultrapassada pelo ácido lisérgico.

Os efeitos dessa droga são semelhantes aos da mescalina, embora que tomada em doses menores. Uma dose de quatro a oito miligramas é considerada suficiente para produzir efeitos durante cerca de seis horas.

Esta droga pode ser usada na forma de chá, mas pode apresentar-se também na forma de pó ou comprimidos. A psilocibina não produz dependência física, mas pode determinar dependência psicológica. Sabe-se que tomadores tem desenvolvido tolerância a droga.

f) DMT (DIMETIL TRIPTAMINA)

O DMT é uma substância alucinógena de ação rápida encontrada nas sementes de certas plantas nativas nas Antilhas e áreas da América do Sul. A piptadenia peregrina (angico) é uma dessas plantas. É uma planta de folhas grandes composta de inúmeros folíolos redondos, que lhe dão características semelhantes as da folha de uma palmeira, na base das quais nascem pequenas flores redondas, das quais resultam frutos também pequenos e redondos.

As sementes desta planta trituradas em pó tem sido usadas há séculos como rapé chamado "cohoba" em cerimônias religiosas a fim de produzir um estado de espírito que os índios do Haiti afirmam deixá-los em condições de se comunicarem com os deuses.

O DMT é produzido sinteticamente por laboratórios químicos clandestinos. Esta droga não se toma por via oral, mas seu vapor é inalado através da fumaça produzida pela queima de sementes trituradas ou como pó misturado com fumo, folhas de salsa ou mesmo maconha. Também pode ser tomado por injeção, dissolvendo-se o pó num líquido qualquer.

Os efeitos de uma única dose de 60 a 150 miligramas duram somente 45 a 60 minutos e produzem fortes alucinações. Esta droga pode causar dependência psíquica, mas não física. Também

não se tem certeza quanto a sua capacidade de desenvolver tolerância orgânica nos usuários.

g) STP (SERENIDADE, TRANQUILIDADE E PAZ)

Esta droga tem o nome científico de DOM (Di methoxianfetamina) mais conhecida popularmente como "STP" e apareceu em cena em 1971, com a promoção de ser mais forte que o LSD. Sua composição foi identificada pelos químicos como sendo 4-metil-2,5 dimethoxianfetamina. Pouco se sabe a respeito de seus efeitos terapêuticos, farmacológicos ou psicológicos. Contudo doses de um a tres miligramas podem causar pronunciados efeitos alucinatórios que duram de oito a dez horas.

Um dos estudiosos dessa droga afirma que "ela é quase duzentas vezes mais potente que a mescalina, mas que contém somente 1/10 (um décimo) da potência do LSD. A STP não se encontra na natureza, já que é sintetizada em laboratórios e tem aparecido no comércio ilegal em forma de comprimidos.

h) BOLINHA OU BOLETA

O termo bolinha ou boleta é aplicado ao resultado que conseguem os toxicômanos misturando drogas de efeitos antagônicos, tais como um barbitúrico qualquer (hipnótico) e uma pílula estimulante (pervitin), por exemplo. Alguns indivíduos preferem essas drogas de efeitos opostos que produzem no organismo uma sensação de euforia esquisita.

No Brasil, por bolinha ou boleta se entende um comprimido, drágea ou capsula de uma droga qualquer tomada pelos viciados, podendo ser um estimulante ou um depressivo, sem a necessidade de que sejam misturados quando aplicados.

i) FARMACOLOGIA CLANDESTINA

O que identificamos como farmacologia clandestina são produtos químicos de venda livre no comércio e determinadas plantas que os viciados em drogas vem usando para obterem es

tados semelhantes aos provocados pelos psicotr6picos!

Estes produtos s6o os mais diversos e n6o s6o a imprensa, como os coment6rios populares nos d6o not6cias deles e das consequ6ncias de sua subministra76o, pois quando n6o provocam estados psic6ticos, determinam envenenamento, dano f6sico ou morte.

Entre tais subst6ncias podemos relacionar " uma s6rie de detergentes e alguns tipos de inseticidas de uso dom6stico, bem como algumas esp6cies de colas utilizadas na ind6stria em geral.

Essas subst6ncias s6o geralmente inaladas " mas podem tamb6m ser tomadas por via oral, como j6 tem acontecido.

Os preparados mais comuns, no entanto, s6o " aqueles obtidos pelos viciados com a associa76o ou mistura de produtos diferentes, como 6 o caso do melhoral adicionado 6 pepsicola ou a toda-cola!

Nestes casos os efeitos s6o semelhantes aos " de uma bolinha e se fazem sentir sobre o sistema nervoso central, pois o melhoral 6 um sedativo, enquanto que esses refrigerantes " levam na sua prepara76o pequenas quantidades de coca6na ou cafe6na, drogas estas excitantes.

Tamb6m algumas plantas que ainda n6o foram " suficientemente pesquisadas em suas propriedades, tem sido usadas em forma de ch6s ou mascadas e que determinam nos indiv6duos " uma s6rie de sintomas semelhantes aos provocados pelo uso de alucin6genos.

Castigar - usar drogas

Charo - cigarro de maconha

Cheiro - cocaína, heroína

Cheirinho da Loló - droga aspirada; éter; lenço embebido em éter

Chibaba - maconha

Chincheiro - vendedor auxiliar; atravessador; intermediário;
o mesmo que vaporeiro

Chinfra - turma de viciados

Chocar - modalidade de tráfico; consiste em enterrar a maconha
na areia da praia para evitar o flagrante; o local é
préviamente marcado

Coisa - maconha

Curtição - efeito forte; degustação do efeito

Da política - aquele que acompanha a turma no vício

Desarvorado - alucinado

Desembarotar - desembaraçar

Devagar - o que não é muito viciado; o que fuma pouco

Dólar - cigarro grosso de maconha; em regra geral custa um
dólar ou preço equivalente

Estar no seu - ausentar-se mentalmente, entrar em estupor por
efeito da droga

Embandeirar - jactar-se de ser viciado

Esquadrilha da fumaça - turma de maconheiros

Fajuta - tolo

Fariseu - o que não fuma

Fininho - cigarro de maconha fino; em regra, tem o preço equi
valente a um quarto de dólar

Fumo - maconha

Furo - revelar-se como alucinado; "deu o furo": alucinou-se

Gererê - maconha

Gelado - o que está afastado do vício

Grilado - preocupado; intimidado

Grilo - preocupação; temor

Erva - maconha

Jogada - participação em atos delituosos

Ligado - o que está sob ação da cocaína

Loque - bôbo; otário

Manga rosa - maconha de boa qualidade; tem a cor da manga rosa

Marica - aparelho próprio para fumar; pode ser um papelão enrolado, ou mesmo uma caixa de fósforo em que são depositadas as bagas

Marijuana ou marihuana - maconha

Mary - maconha

Mocó - paiol; local em que se armazena estoques de drogas

Nêgo - viciado esperto; safo

Ouriço - viciado nervoso; impaciente; o mesmo que ouriçado

Paiol - local de estocagem das drogas; fornecedores das bôcas

Pico - picada de seringa no vaso; injeção

Puxar - fumar maconha

Piteus - pequenas muito jovens que estão sendo conduzidas ao vício

Pó - qualquer tóxico de absorção nasal

Quadrado - o que não entra na jogada

Res - dar uma pausa no vício, sem a intenção de abandoná-lo

Ritual - a preparação de uma sessão de intoxicação

Sauna - ato de fumar a maconha em grupo dentro de um recinto fechado (Kombi ou mesmo outro carro com os vidros suspensos)

Transa - transação; comércio entre traficantes

Vapor - vendedor; também é empregado como fumaça da sauna

Viagem - alucinação produzida pelo LSD

Vinte e cinco - LSD

Exemplo de diálogo travado entre o traficante e o viciado desconhecido

V - Ô cara! Como é que é?

T - A barra tá suja

V - Estou a fim de tirá umas fumacinhas

T - É bem chegado?

V - Barra limpa...

Depois que o dependente entra no comércio, o traficante se justifica:

Tô muito ouriçado...tô naquela de ficá doidão.

APÊNDICE
A GÍRIA DO
VÍCIO

- Ácido - LSD
- Acochar - apertar o cigarro de maconha
- Apagar - entregar-se, entorpecer
- Arpão - seringa de injeção
- Babila - cartão em que é colocado o pó para aspirar
- Baga - tóco do cigarro de maconha
- Bagulho - maconha
- Banho - plena exaltação, antes de "estar no seu"
- Bagana - o mesmo que baga
- Beata - baga
- Barrufo - trago do cigarro de maconha, um pouco diferente do trago de cigarro comum
- Bandeira - bobeira
- Barato - ótimo, excelente
- Bhang - maconha
- Bôca - local de venda ou de reunião
- Bôca de fumo - local de venda sob teto
- Bôca de asfalto - local de venda na rua, em esquina ou em praça
- Bode - aquêlê que apaga; que entorpece
- Bolinha - anfetaminas, excitantes que geralmente são ingeridos com guarana ou coca-cola. Quando tomados com álcool o efeito aumenta
- Cachimbo da paz - cigarro de maconha fumado por um grupo
- Cafungar - aspirar o pó
- Caminho - fração do pó colocada na babila
- Cana - prisão
- Careta - o que não usa drogas
- Cemitério de bagas - local de emergência em que são depositadas as bagas em caso de perseguição

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 DIVISÃO DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES

D R O G A S

(Informações Condensadas)

SUBSTÂNCIAS ALUCINÓGENAS

CLASSIFICAÇÃO.....Alucinógenos
 USO MÉDICO.....Em pesquisa
 TIPOS POPULARES.....Maconha, LSD-25, STP, Mescalina, Psilocibi-
 bina, DMT, haxixe.
 MANEIRAS DE USAR.....Fumando, inalando, oralmente e injeção.
 EFEITOS.....Percepção distorcida, Alucinações, fala
 incoerente.
 DEPENDÊNCIA.....Psicológica
 TOLERÂNCIA.....Sim
 COMPLICAÇÕES FÍSICAS...O LSD pode destruir os cromossomos
 COMENTÁRIO.....Efeitos psicóticos de longa duração tem
 ocorrido nos casos de abuso dessas sub-
 stâncias alucinadoras. O Isto pode ocor-
 rer dias, semanas e até meses depois de
 tomada a última dose de LSD.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

BARBITÚRICOS

CLASSIFICAÇÃO..... Depressivos
 USO MÉDICO.....Sedativo, tratamento de epilepsia, hiper-
 tensão sanguínea, insônia.
 TIPOS POPULARES.....Fenobarbital, Pentobarbital, Secobarbi-
 tal, Amobarbital
 MANEIRAS DE USAR.....Oralmente, injeção ocasionalmente
 EFEITOS.....Andar cambaleante, fala enrolada, mau
 gênio, embriaguês

DEPENDÊNCIA.....Fisica e psiquica
 TOLERÂNCIA.....sim
 COMPLICAÇÕES FÍSICAS.....Coma, parada respiratória, prostração nervosa, morte.
 COMENTÁRIOS.....Quando tomado com bebida alcolica po_ de ser fatal. A retirada (crise de abstinência) dos barbituricos mais pe_rigosa do que a dos narcoticos.

.....

DELIRANTES

CLASSIFICAÇÃO.....Elemento quimico volátil
 USO MÉDICO.....Nenhum
 TIPOS POPULARES.....Cola de avião, solvente de tintas, Gás de isqueiro, Gasolina
 MANEIRA DE USAR.....Inalação
 EFEITOS.....Intoxicação, estimulo, visão turva, fala incoerente, estupor, vômitos
 DEPENDÊNCIA.....Psicologica
 COMPLICAÇÕES FÍSICAS.....Pode prejudicar o figado, o sangue, o sistema nervoso central e os rins
 COMENTÁRIOS.....A conduta psicologica tem sido o resultado de alguns casos.

.....

OPIÁCEOS

CLASSIFICAÇÃO.....Depressivos
 USO MÉDICO.....Alivio das dores pós-operatorias, quei maduras, fase final de doenças fatais
 TIPOS POPULARES.....Heroína, morfina, codeína, metadona
 MANEIRAS DE USAR.....Injeção, via oral, cheirar
 EFEITOS.....Estupor, sonolência, possivelmente nal seas e respiração lenta

Continua...

DEPENDENCIA.....Física e psicológica
 TOLERANCIA.....sim
 COMPLICAÇÕES FÍSICAS.....A adição ao vício é imediata, porém se reconhece quando surgem os sintomas de retirada (crise de abstinência); super doses podem resultar em prostração nervosa e morte. Compartilhar com outros aparelhos usados para causar a propagação de doenças tais como a hepatite e doenças venéreas.
 COMENTÁRIO.....A heroína é a que causa maior vício. É a droga preferida dos adeptos. Não é usada para fins médicos no Brasil.

ANFETAMINAS.....

CLASSIFICAÇÃO.....Estimulantes
 USO MÉDICO.....Dietético - para aliviar a depressão -narcolepsia (sono profundo)
 TIPOS POPULARES.....Anfetamina, difetamina, Metanfetamina
 MANEIRAS DE USAR.....Via oral - Injeções
 EFEITOS.....Loquacidade, ~~excitação~~, animação
 DEPENDENCIA.....Psicológica
 TOLERANCIA.....Sim - rapidamente
 COMPLICAÇÕES FÍSICAS.....Cansaço, má alimentação, doenças relacionadas com agulhas contaminadas (hepatite)
 COMENTÁRIO.....-Quando é usada por longos períodos de tempo, para manter-se desperto, há um esgotamento físico muito grande. Pode resultar em uma grande debilidade à medida que o efeito da droga desaparece, uma possível causa de acidentes automobilísticos.

ABS. 05, p. 85/91

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
DIVISÃO DE REPRESSÃO A ENTORPECENTES

SITUAÇÃO DO TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL

Brasilia-DF-1977

SITUAÇÃO DO TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL

Pelas informações que a Divisão de Repressão a Entorpecentes recebe periodicamente de suas Delegacias situadas nas diferentes regiões do Brasil, tornou-se possível formar um quadro panorâmico da situação nacional relacionada com o tráfico e consumo de drogas. Estas informações, reiteradamente, têm indicado que a maioria das drogas traficadas em nosso país provém de países vizinhos com os quais o Brasil faz fronteiras.

A nossa extensa faixa de fronteiras tem propiciado a introdução dos mais variados tipos de substâncias entorpecentes que chegam ao Brasil procedentes do Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia.

A maconha, por exemplo, é bastante cultivada no Paraguai e contrabandeada para o território brasileiro, através de pequenos barcos que atravessam o Rio Paraná, atingindo diferentes pontos do território brasileiro. Veículos também são utilizados para o transporte e a introdução da maconha em nosso país. Outro grave problema que nossas autoridades estão tendo é com o tráfico de anfetaminas, principalmente do pervitin. Esta substância estimulante, acondicionada em ampolas tem sua origem e produção no Uruguai e Argentina. Seu fabrico se dá em grande escala e é bastante facilitada sua introdução no Brasil, através de inúmeros pontos localizados na fronteira entre o Rio Grande do Sul e Paraná.

O pervitin tem grande aceitação no mercado brasileiro, notadamente pelos estudantes de nível médio e universitário.

Não menos grave é o tráfico da cocaína para o Brasil. De origem Boliviana, a cocaína tem penetrado no país também pelas fronteiras, servindo-se dos Estados de Mato Grosso, Acre e Território de Rondônia. Alguns traficantes se utilizam inclusive de aviões particulares e até comerciais para disseminar esta substância no mercado brasileiro, atingindo os grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outras Capitais. Esta droga já constitui problema para a sociedade brasileira. É interessante ressaltar que nosso país também é utilizado como rota intermediária da cocaína, cujo objetivo final são os Estados Unidos e também alguns países da Europa.

Em relação à produção e tráfico de natureza interna, é a maconha nosso principal problema.

Os Estados do Maranhão, Alagoas, Pernambuco e outras regiões situadas no nordeste são os grandes produtores de maconha em nosso país. Quase sempre nossos órgãos operacionais atuam no interior destas regiões, localizando e destruindo plantações de maconha.

nha. Mesmo assim a produção continua aumentando, isto porque estas regiões são de difícil acesso, o que facilita enormemente aos traficantes se dedicarem ao cultivo criminoso desta planta. Estes Estados abastecem quase toda a região nordestina e a maior parte da produção serve aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, os quais constituem os maiores centros de consumo do país.

Além da maconha, há problemas relacionados com o desvio de substâncias sintéticas, como anfetaminas e barbitúricos, que, produzidos em laboratórios brasileiros, são desviados para o mercado ilícito, sobretudo nas grandes capitais.

O Departamento de Polícia Federal tem procurado empenhar-se no combate desses ilícitos, mas as peculiaridades do extenso e complexo território brasileiro não têm permitido ainda bloquear a difusa introdução de drogas que ora penetram pelo sul, ora pela parte oeste, ao longo de nossa complexa faixa de fronteiras.

O relacionamento entre a polícia brasileira e as dos países sul-americanos tem sido bom e proveitoso, mas será preciso estreitar ainda mais o nível de cooperação internacional, a fim de não permitir que a América do Sul venha constituir-se em grande foco de produção e centro redistribuidor de drogas para o mundo.

Os recentes acordos firmados pela maioria dos países sul-americanos, para repressão ao tráfico e consumo de drogas, bem como as conferências internacionais promovidas pelos ex-alunos do "Drug Enforcement Administration", poderão constituir-se em valiosos instrumentos para diminuir o mercado clandestino das drogas pelo continente sul-americano, desde que os respectivos governos destinem recursos materiais e financeiros para os órgãos policiais incumbidos de repremir este tipo de ilícito.

Sem essa assistência dos órgãos policiais sul americanos, será praticamente impossível colocar sob controle o tráfico e consumo de drogas na América Latina.

A DEPENDÊNCIA ÀS DROGAS
E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Brasília-DF - 1977

I - INTRODUÇÃO

Classicamente droga tem sido definida como sendo todo o produto capaz de dar origem a um fármaco, ou medicamento. (1) Poderia, portanto, ser chamado também de farmacogeno, isto é, gerador do fármaco.

Nos dias atuais, no entanto, o termo tem sido extraordinariamente ampliado. Hoje, de acordo com o conceito da OMS, droga é toda a substância ou produto que, administrado ao organismo vivo, produz modificações em uma ou mais de suas funções. (2) São óbvias as vantagens dessa definição, pois ela inclui os mais variados tipos de produtos ou substâncias como, por exemplo, a maconha (botões florais), o haxixe (resina da planta), o ópio (suco leitoso dessecado), a folha de coca (produto vegetal), a cocaína (substância pura e natural) o nembital (substância pura sintética), etc.

Já o fármaco é toda substância, natural ou sintética, capaz de dar origem ao medicamento. (3) é o produto fundamental em seu estado puro ou quase. Por exemplo, a morfina, extraída do ópio, a heroína, seu derivado semi-sintético, a meperidina, um narcótico de síntese pura. Medicamento é o produto industrializado, ou seja, o fármaco já em sua forma farmacêutica e pronto para ser dispensado ao público.

O primeiro engano comum que inclusive, vem sendo difundido entre o público leigo, é considerar droga como sinônimo de tóxico ou seja, droga em seu sentido restrito de produto capaz de provocar dependência. Aliás, o termo "tóxico" em si também não é correto. Tóxico, no sentido químico e médico-legal, é tudo aquilo pertencente a, devido a, ou da natureza de um veneno. (4) Os cianetos (formicida) são venenos ou tóxicos violentos.

Do exposto se retira a ilação de que em um trabalho onde se quer apresentar os aspectos corretos do problema (como acontece no caso em tela) deve-se adotar a terminologia cientificamente exata e universalmente aceita. Em assim sendo, o melhor mesmo é dizer-se - como aliás o faz o comitê de especialistas da OMS - drogas que provocam dependência. Isto incluiria, sem menor sombra de dúvida, toda a gama de substância e/ou produtos, de origem natural ou sintética, em formas farmacêuticas ou não, que podem afetar o indivíduo, levando-o à dependência.

II - CONCEITO DE DEPENDÊNCIA

Dependência às drogas ou farmacodependência é um estado de necessidade física e/ou psicológica, de uma ou mais drogas e que resultado do seu uso contínuo ou periódico. (5) Classicamente o

fenômeno tem sido denominado de TOXICOMANIA, termo não muito adequado pelos motivos já expostos.

Existem 2 (dois) tipos fundamentais de dependência às drogas. Um deles é a dependência psíquica e que corresponde ao que se convencionou chamar, no passado, de hábito. Entretanto, este último termo não é, segundo a maioria dos especialistas, muito adequado e, hoje em dia, prefere-se falar em dependência psíquica ou psicológica.

Este tipo de dependência tem as seguintes características fundamentais:

- a) A droga afeta o indivíduo, trazendo como consequência, também, prejuízos à coletividade ou à sociedade onde ele vive.
- b) Não há aparecimento de tolerância, isto é, o organismo não fica tolerante à droga, o que não obriga o usuário a aumentar a dose.
- c) Há desejo psicológico de usar a droga, mas não há compulsão por ela, ou seja, necessidade orgânica de seu uso.
- d) A retirada brusca da droga não produz, no usuário, um fenômeno conhecido com o nome de síndrome de abstinência ou de privação, que se caracteriza por manifestações graves físicas e mentais, e que, inclusive, podem levar o indivíduo à morte.

A dependência física ou orgânica, que corresponde ao que se chamava antigamente de vício, tem as seguintes características:

- a) Afeta o indivíduo, prejudica a coletividade ou a sociedade.
- b) A droga produz tolerância no organismo, o que obriga o usuário a, progressivamente, aumentar a dose. Há indivíduos que ficam tão tolerantes que chegam a suportar doses que seriam suficientes para matar algumas pessoas normais.
- c) Existe uma verdadeira compulsão pela droga, isto é, uma necessidade física ou orgânica de seu uso, o que faz com que o indivíduo procure obtê-la por todos os meios. Surgem daí os crimes: roubos, agressões, assassinios, prostituição, etc. (prejuízos à sociedade).
- d) Se o indivíduo for abruptamente privado do uso da droga, surge a crise de abstinência ou de privação

geralmente acompanhada de calafrios, tremores, náuseas, vômitos, sudorese, diarreia, confusão mental, alucinações, delírios, convulsões e até morte.

Exemplos clássicos de dependência física são representados pelo abuso do entorpecentes mais comuns, como a morfina e a heroína.

Um ponto importante a ser salientado é que, praticamente, não existe dependência física pura, isto é, a dependência física é precedida ou antecipada pela dependência psicológica. Talvez o único exemplo de dependência física pura que possa ser dado é aquele que corresponde aos nascituros provenientes de mães dependentes dos entorpecentes, e que, durante a gravidez, foram sendo paulatinamente afetados ("viciados") pela droga trazida ao pequenino ser em formação pelo sangue materno, através da placenta. (6) Vários desses casos têm sido constatados, principalmente o de mulheres que, durante a gravidez não interromperam o uso de heroína ou morfina, drogas que, como se sabe, facilmente atravessam a placenta. (7).

O termo "Vício", que antigamente era também usado para designar a dependência física, deve ser evitado, porque pode levar a confusões e, segundo recomendação da OMS, deve ser substituído por dependência física. Entre alguns autores tem-se visto o termo adicto e adição (do inglês "adict" e "addiction") para designar os dependentes físicos e seu tipo de dependência (8 e 9).

Outro ponto importante a ser considerado é que se, em alguns casos, é relativamente fácil afirmar que uma determinada droga produz dependência física, e/ou psíquica, em outros, o problema torna-se extremamente complexo, por exemplo, é fato aceito pela maioria dos autores que a maconha (cannabis Sativa L.) produz dependência psíquica e não dependência física, porque o uso dessa droga não leva à produção do quadro típico que descrevemos para esse último tipo de dependência (não há por exemplo, compulsão pela droga e nem a síndrome de abstinência pela sua retirada brusca). É fato também pacífico que a morfina e a heroína produzem, tipicamente, uma dependência física acentuada.

Mas, existem algumas drogas que se situam, por assim dizer, no border line, ou seja, no ponto de passagem entre um tipo e o outro. É o caso das anfetaminas (bolinhas) que produzem tolerância levam alguns indivíduos a uma verdadeira compulsão pela droga, mas não produzem uma síndrome de abstinência ou de privação típica pela interrupção brusca do seu uso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Dados obtidos do relatório da -CPI- Câmara dos Deputados que se encarregou de investigar a causa do tráfico e uso de substâncias alucinógenas no País. 1972 - Brasília DF